Se a nossa vida fosse um eterno estar-á-janella, a assim ficaremos, como um fino parasol, sempre, tendo sempre o mesmo movimento de vae-vem dobrando a cauda dos annos. E assim ficaremos para além de sempre! E ao lonje, apesar da impunidade, assim ficaremos quedos, sem ~~to~~ te commettermos uma asneira pra a nossa bella palavra ficar-nos-ia a mais bella palavra!

Olha como me esmoreceu!... O coração pontinha de tudo enche-me de raiva, de qualquer coisa que é o tempo no salto da agulha. Dóe-me a alma... um traço lento de fumo expira-se e dispersa-se lá longe... Um tedio infinito faz-me não pensar mais em ti...

Tal simplesmente tudo! Mas é o mundo e o mysterio de ambos.

Chove muito, mais, sempre mais ...
Ha como que uma coisa que rae
desaba no exterior meu ———

Todo o amontoado mesquinho ——
montanhoso da cidade parece ——
hoje uma planicie, uma planicie
de chuva. Ou onde que por alguns dias
tudo é cor de chuva, meus pobres.

Todas recordações estranhas. Todas elles
foram: Ha me parece que a praya-
sem amenidade. É ~~de~~ chuva, e que os
coros (é que) vão a chuva pra a vida.

Uma especie de entendimento de que
ouvi quando já não fôr pela vez compre-
ahida. Uma coisa por dentro, de mil mata
futuras simplici-dades de dentro. Numa
nevoa de intuição, muita, materia muita, calida
na chuva ~~na~~ quando pelo vento,

M. Alves

Sua incompreensão da vida em
uma incompreensão physica.
Como por

É o fim do que não sinto mais em
creação actual.

BIBLIOTECA NACIONAL

359

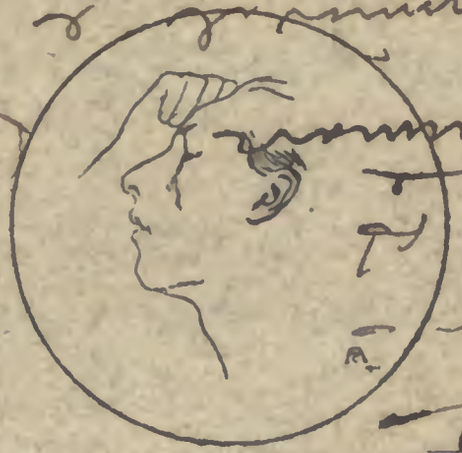
360

— Nampajis ? Vai, nunca tive vontade
Mas tenho a impressão de que tudo
não vinga nampaquei & Stado e
mf Dalmacia & scandia é ni cuncreis
interessantes —

— Sinto muito, bigs empresas, fazendas
perfeitas — eis o que me dista me
alem de tanto imaginei.

Tenho a impressão de que ambos temos
de todos os cus, amores de todos os sabores,
anciãs de todos os tamanhos
[illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL



A RENASCENÇA PORTUGUESA

ASSOCIAÇÃO DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIA, PHILOSOPHIA E CRITICA SOCIAL

Ex.mo Snr.

Fernando Pessoa

R. Dias Manuel, 24-3.º

(Do Porto)

Viagem numa fértão.

361

Foi assim o comb. me atraz da porta, para fora
Realidade, quando entre, me vão aqui: Cam-
pe dalmad das mag, d'uma ambiança "fraz
portes á Realidade. O mist que dalgi
de mim, como as dis bras d'um anglem
as dis pands. tes pra me apertar num abra
de pater mia mãe o Real, e stes
pode conchir mãe o Comid.

—

Flabitos de areia, a meus triunfos?... de
que coisa essencialista sinto eu a coisas
que não são de areia?

—

Como sabia pra, viajante assim, não me espira
nesse desamento:

Inspirei de absord, rend a my memória, e
Comia com as idéas das coisas como com sabes
de chamado, fogo com as pras en, pra Comia,
fria. como pra embriaguem com a idéa d realidade

— Fria de erros, pois. mas por um momento de sentir me
vier,
Triunfo assim de toda a realidade.

BIBLIOTECA NACIONAL

Maneira de bem sonhar.

- Adia tudo. Nunca se deve fazer hoje o que se pode deixar de fazer tambem amanhã. [O que se pode deixar de fazer amanhã] Bem mesmo é necessario pra se fazer qualquer coisa, antes hoje.
- Unica pensa no que vaes fazer. Não o faças.
- Vive a tua vida. Não cuides muito por ella. Na verdade e no erro, no bem e no mal- estão, cá o teu proprio ser.
- Despreza tudo, mas de modo que o desprezar te não incommode. Não te ~~julgues superior ao desprezares~~. A arte do desprezo está n'isso.

Só poderás fazer isso sonhando, porque a tua vida-real, a tua vida humana é aquella que não é tua, mas dos outros. Assim, substituindo o sonho á vida e cuidando apenas em que sonhas ~~não cuidando em ter~~ com perfeição. ~~Desde nasces até morres~~ Em todos os teus actos da vida-real, desde o de nascer até ao de morrer, tu não ages; és agido; não vives: és vivido apenas.

Torna-te, para os outros, uma esphinge absurda. Fecha-te, mas sem bater com a porta, na tua torre de marfim. E a tua torre de marfim é o teu proprio.

BIBLIOTECA NACIONAL

~~E não acredites Absurda~~ (ao pé em ti, porque se não dás acreditar em nada.

E se alguém te disser que isto é falso e absurdo, não o acredites. Pois não acredites também.)

L. a Paz

Nada se penetra, nem átomos, nem almas. Passo nada pesa nada. Desde a verdade até a um lençol - tudo é impenetrável. [A propriedade não é um roubo: não é nada.]

Cascata

363

A creança sabe pôr a lenha mas é mal,
e lenta-a como mal, ~~até~~ até' chamma-a
1 x Bombeiros
& quando se parte. A arte da creança
é' a de cascatagem. Bemdita arte
~~[illegible]~~
mestra da vida, quando [a vida / o amor] se vejo por
[a realidade] se vejo
por lenha, tambem por cascas a cousa pia
o bico dará!

Que eu veja ~~[illegible]~~ ahi creanças e o fogo
tempo, sem pra me inspirarem os calcos pros
homens dão & cascas bem os [ligações] pros
homens estabelecem entre elles. Eu, quando era pequeno,
punha muitas vezes a cabeça de cabeça pra
fora do ar ... E boa alguma coisa, com pés
logico para cima, pra um pouco pra os
lados veja não chega ainda & cabeça pra
baixo!

BIBLIOTECA

A creança não dá' [mais] ao ano do que
ao ridiculo. E na verdade, o ano cabe
mais? — A creança acha [tão] absorvente
absorvida a [vida], a [vida], o [amor] pra
lá escolhe um ponto absoluto. E vai pá
na verdade absoluta e vai [tão] com [amor]
e [tão] a [vida] [amor], - [tão] [vida]?

O diacho e abanda intuição infeliz! Hão
de cousas, que aí vêm de comentos no
mais nu vel-os, que nos entumecem de
ideas nunca vistas! Ai Deus uma criança muito pud? O
mundo intelio não passa uma brincadeira
uma partida de creança tão nua! Tão crua,
tão
tão

Lancei-os, muito, esta ideia ao ar
como ao vel-a distante à qui à espera
Ergui o pé à barraca ella é
E ella cahe e quebra-se em mil pés, em pó
da bocca e estilhaços de angustia ...

Acção para saber pr cahir ...
Um pouco tarde vi cahir gargalhei
muito pouco ao mundo, pela cahida, estatelada
abaixo, ai ao fundo stupido do fundo

L. B. D.

Parapleura obliqua

Cubistas, etc
que parecidos de vista,

O intersecacionismo:

Clarismo — um plano só
Reverso, —
Rom.° — — plano em angulo recto.

G. Kahn, pulhas, 3 composições de planos.

Cubismo e futurismo —
applicação pela 1.ª vez systematica
e até fé nos.

Orfismo e orphismo — especies
inadmissiveis.

Antiestaticos — expostos de Dezembro.
Artes, ha n'a ausencia, com
pouca, e a antithese

BIBLIOTECA NACIONAL

e [illegible] tantos e os tantos, - os tantos
(vistos a vapor)

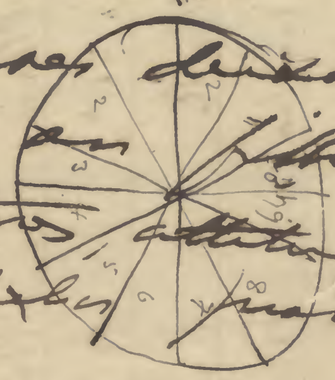
[redacted]

Artes

II

Dado isto, funde da qual Arte,
qual o processo de o pôr
vejamos:

- Velhos canções que andam a
chorar pelos pinhais
- E são o que os poetas deixaram
de amor aterrado nas folhas ...
- Figuras de postais, estatuas
para museus, pelos quadros,



L. B. D.

A unica maneira de ter
razões novas é continuar
uma alma nova. Baudelaire
[illegible] o teve porque sentiu de antes
como sua sentiu a arte

Guerra Junqueiro.
Gomes Leal.
Teixeira de Vasconcellos.
Antº Candido d'Oliveira
Aff. Lopes Vieira.
Mario Beirão.
Affonso Duarte
Joaquim Costa.
Roberto Cosmino.
J. de Lebre e Lima.
Garcia Pulido.
Marcos d'Azevedo.
A. Ribeiro Lopes.
Feliz de Carvalho.
Nuno d'Oliveira.
Nuno Simões.
Augusto de Santa-Rita.
Guilherme de Santa-Rita.
A. Luiz Derzada.
Ruy Costa.
S. Nunes d'Almeida
Carlos Franco
José Barbosa
Ricardo Nunes.
Helena d'Azevedo.
Affonso Crespo.

Augusto Gil
André Brun.
Guedes Teixeira.
Joaquim Araujo.
Julio Dantas.
P. Madeira-Dias.
Silva-Costa.
Reis de Lemos.
Bernardo Portugal.
Tomaz d'Athaide
Albertino da Silva
F. Fernandes Lopes.
Sousa da S. Figueiredo
José da S. Figueiredo
Dr. Raul Leal.
Simão Antunes.
Cacilda Pinto-Coelho.
M. Amalia Vaz de C.
Maria Veleda.
Anna de Castro Osorio.
+ Virginia de Castro-Almeida.
Ricardo da Villa-Maior.
(antiga da "Saphira")
Maria O'Neill.
Maria da Cunha.
Branca de Gonta Colaço.

Pte. da Republica.
Affonso Costa e
Ministerio.
Bento Camacho.
Franco Borges.
Antº José d'Almeida.
Eduardo de Noronha.
Silva-Passos.
Carlos A. Ferreira
Ricardo Martins.
Almeida d'Eça.
+ D. Manuel de Bragança
Alfredo de Magalhães
Dr. Reis Santos
V. de Bragança Cunha
+ Hermen Christo, pae.
+ ——— filho.
Presidencia do Senado
——— da Camara dos Deputados
Alberto F. de Campos
Lourenço Cayolla
Phileas Lebesgue.
Miguel d'Lemmmos.
Ribeiro Ferreira.
Filipe Trigo.
Marcellino Mesquita

Conselhos só mal escutados

Pergunto-me se estarão todos comigo tal como o meu amigo me pergunta.

Acontece-me isso às vezes tal o medo que tenho.

Começo por a cópia ser fiel à prosa do texto. Depois faço-me a mim próprio a pergunta, [illegible] se é isso mesmo, [illegible] se não estou a cair em [illegible] [illegible] [illegible]

António Alves Jr.	Augusto Pina.	= Fontoura Xavier.
Abel Botelho.	Leal da Camara.	= Alves Bilac.
Silva Tello.	Campos Lima.	= Vicente de Carvalho
Templário Braga.	Ed. Metzger.	Armando P. Xavier.
Adolpho Coelho.	~~Daniel~~ Rodrigues. (Gov. Civil)	= Amadeu de S. Cardoso.
Mendes dos Remedios.	Basilio Telles.	= — Jardim
Guimarães Nunes.	Barros.	= Hugo Ramos.
J. Rocha Peixoto.	José Agostinho.	Dr. Bettencourt Rodrigues.
A. Rocha Peixoto.	"Mariotte".	Dr. Ricardo Jorge
G. Cardoso Ramos.	Mendes da Silva.	Ricardo Jorge filho.
Barbosa Bettencourt.	Teixeira Gomes.	
Caiel.	Manuel Marçal.	
Alfredo Guimarães.	Silva Cardoso.	
Ulysses Perfeito.	Commandante da Policia.	
Nunes Claro.	David Lopes.	
Enrico de Seabra.	Alfredo Aguiar.	
Silvio Rebello.	Adm. Bacellar.	
R. Teixeira Duarte	Dentinho.	
Affonso Penteado.	J. Mesa-Costa.	
Teixeira de Queiroz	Candido Gomes	
Severo Portella.	Aarão de Lacerda	
Cesar Porto..		
Augusto Machado.		
Teixeira Lopes.		
Carlos Reis.		
Columbano.		

nº 366

Minhas atentas tes

Pedro

Carta

Eu não saberia nunca como agitar a minha alma a levar o meu corpo a possuir o teu. Sentir-te nu, medo ao pensar-te! Eu tive tempo em abraçar-te que não vejo, encher-me em ter-te que não vi o pé são. Que muito mais me não dante cria se [illegible] quisesse possuir-te inteiramente?

Que eu - repito-to - era incapaz de o tentar jamais. Desejar-te sofrer-te apetecer-te fundo-o.

São atos, minha Senhora, as palavras que tenho a escrever-te mas [illegible] [illegible] [illegible]

Joaquim Dicente.
Rodrigues Cortaré.
Armando Negreiros.
Christovão Cruz.
Jorge Barradas.
Mel G. Bord.o Pinheiro.
Cruz Magalhães.
Antonio Ferreira
A. P. Guimarães
Pinto de Leão
Aug.o Cunha
Vaz Pereira.
Eugenio de Castro
Antonio Patricio.
Camillo Pessanha.
Carlos Amaro.
Veiga Simões.
João Amaral.
Rafael Rodrigues
Alfredo da Cunha.
J. Cottinelli da Cunha.
M. Motta Guedes.
Mario Pacheco.
Valeriano de Campos
Luiz da Camara Reys.
Mel. de Sousa Pinto.

João de Barros.
Nobre de Mello.
Ed. Schwalbach.
Luiz Schwalbach.
Ferreira da Silva.
Chaby.
Augusto Rosa
Ed. Braga.
Ignacio Peixoto.
Araujo Pereira.
Israel Chaby.
General H. Rosa.
Fortunato da Fonseca.
Carlos Conde
Alm.o Teix.a Rebello.
Raul da Costa.
Mario Garcia da Silva
Pedro Rella.
Ruy.o G. Reys.
Gilberto Rella.
= Luiz Ramos.
= Carlos Reis.
Mel Ant.o d'Almeida.
Albino de Menezes.
Gualdino Gomes.
Alvaro Pinto.

Vasco de Mra Alves.
Henrique Lopes de Mendonça
Ferreira do Amaral.
Luciano de Araujo.
Antonio Feijó.
Antonio Bandeira.
Santos Tavares.
Santos Vieira.
Alberto Barbosa
Oldemiro Cesar.
João da Rocha (P.)
Bernardo Passos.
João Lucio.
Candido Guerreiro.
Milton. d'Aguiar
Tito Battencourt
Pasquina Battencourt.
Carlos Rodrigues
Antonio Ribeiro
Armando Cesar
Eduardo Ferreira.
Luiz Silva
Lucena Santos.
João Camoezas.
Rita Martins.
Antonio Sergio.

L. do D.

Mas a exclusão, que me impuz, dos fins e dos movimentos da vida; a ruptura, que procurei, do meu contacto com as cousas - levou-me precisamente áquillo a que eu procurava fugir, Eu não queria sentir a vida, nem tocar nas cousas, sabendo, pela experiencia do meu temperamento em contagio do mundo, que a sensação da vida era sempre dolorosa para mim. Mas ao evitar esse contacto, isolei-me, e, isolando-me, exacerbei a minhh sensibilidade já excessiva. Se fosse possivel cortar de todo o contacto com as cousas, bem iria á minha sensibilidade. Mas esse isolamento total não pode realisar-se. Por menos que eu faça, respiro; por menos que aja, movo-me. E, assim, conseguindo exacerbar a minha sensibilidade pelo isolamento, consegui que os factos minimos, que antes mesmo a mim nada fariam, me ferissem como catastrophes. Errei o methodo de fuga. Fugi, por um rodeio incommodo, para o mesmo logar onde estava, com o cansaço da viagem sobre o horror de viver alli.

Nunca encarei o suicidio como uma solução, porque eu odeio a vida por amor a ella. Levei tempo a convencer-me d'este lamentavel equivoco em que vivo commigo. Convencido d'elle, fiquei desgostoso, o que sempre me acontece quando me convenço de qualquer cousa, porque o convencimento é em mim sempre a perda de uma illusão.

Matei a vontade a analysal-a. Quem me tornará a infancia antes da analyse, ainda que antes da vontade!

Nos meus parques, somno morto, a somnolencia dos tanques ao sol-alto, quando os rumores dos insectos chusmam na hora e me pesa viver, não como uma magua, mas como uma dôr physica por concluir.

Palacios muito longe, parques absortos, a estreiteza das aleas ao longe, a graça morta dos bancos de pedra para os que fôram - pompas mortas, graça desfeita, ouropel perdido. Meu anseio que esqueço, quem me dera recuperar a magua com que te sonhei.

BIBLIOTECA NACIONAL

Of withdrawn the veil takes us to bey:
heart, eye + stand we the

, seen hearts y pilfick's receip!

---

hath art yth, come sit the room
yth cockt thine

She hath art part; thus a yth to,
oh that-pair action wtfy-
Limit her pure pure knowing,
Both part is as the Black Book y a my
part is a consequence attach the thing:
hearing ear, thus oh she enters, not a hearing
But that stand from this vision as my
To our hearts bliss than as an vision
To mine the part a hope till life's life
new forgive.

She hath art text thing her the as hath
As mind her eyes. Why that mind as to
Put fairy, the that reader eye and
Part to stand mine confederate

Library

Elegy

Ey, but the sun, the sun + the sky?
Shall these be born with the other part
And blot the stars that will
Cease for to Remain the corpse cast

But memorable but but hath hand yair?
but eth hand ever?

Way, fy and are eye yair with
Put stop or hour, a eye y separate.
The other part y to Share heaven
And sun to Remain Come will at home

Or shall our second life stained be
Because we longer
But our part light hope on part, a we
Shoulders fill of our our part's stain.

Look, with forsake, Or eyth be eyes
Part thy hope tears when to sun with art.
The vital stillness y the Black-tear's flame
And the. with forsake a Share the
Part y' mind like to sun's Spell
this Heart

TEIVE.

A conducta racional da vida é impossivel. A intelligencia não dá regra. E então comprehendi o que talvez está occulto no mytho da Queda: bateu-me no olhar da alma, como um relampago batera no do corpo, o terrivel e verdadeiro sentido d'aquella tentação, pela qual Adão comera da Arvora dicta da Sciencia.

Desde que existe intelligencia, toda a vida é impossivel

BIBLIOTECA NACIONAL

TEXTE.

L. do D.

Quando vivemos constantemente no abstracto - seja o abstracto do pensamento, seja o abstracto da sensação pensada -, não tarda que, contra nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem phantasmas aquellas coisas da vida real que mais deveriamos sentir, em accordo com nós mesmos.

Por mais amigo, e verdadeiramente amigo, que eu seja de alguem, o saber que elle está doente, ou que morreu, não me causa mais que uma impressão vaga, incerta, apagada, que me envergonho de sentir. Só a visão directa do caso me daria emoção. O excesso de imaginação annula a imaginação. À força de viver de imaginar, quebra-se-nos o poder de imaginar. Vivendo mentalmente do que não ha nem póde haver, acabamos por não poder scismar o que pode haver.

Disseram-me hoje que tinha entrado para o hospital, para ser operado, um velho amigo meu, que não vejo ha muito tempo, mas que sinceramente lembro sempre com saudade. A unica sensação que recebi, de positiva e clara, foi a da maçada que forçosamente me daria o ter de ir visital-o, com a alternativa ironica de, não tendo paciencia para a visita, ficar arrependido de a não fazer.

Nada mais... De tanto lidar com sombras, eu mesmo me converti numa sombra - no que penso, no que sinto, no que sou. A saudade do normal que nunca fui entra então na substancia do meu ser. Mas é ainda isso, e só isso, que sinto. Não sinto propriamente pena do amigo que vae ser operado. Não sinto propriamente pena de todas as pessoas que são operadas, de todos quantos soffrem e penam neste mundo. Sinto pena, tamsòmente, de não saber ser quem sentisse pena.

E, num momento, estou pensando em outra coisa, inevitavelmente, por um impulso que não sei o que é. E então, como se estivesse delirando, mixtura-se-me com o que não cheguei a sentir, com o que não pude ser, um rumor de arvores, um som de agua correndo para tanques, uma quinta

BIBLIOTECA NACIONAL

inexistente... Exforço-me por sentir, mas já não sei como se sente. Tornei-me a sombra de mim mesmo, a quem entregasse o meu ser. Ao contrario daquelle Peter Schemil do conto allemão, não vendi minha sombra, mas minha substancia. Soffro de não soffrer, de não saber soffrer. Vivo ou finjo que vivo? Durmo ou estou disperto? Uma vaga aragem, que sahe fresca do calor do dia, faz-me esquecer tudo. Pesam-me as palpebras agradavelmente... Sinto que este mesmo sol doira os campos onde não estou e onde não quero estar... Do meio dos ruidos da cidade sahe um grande silencio... Que suave! Mas que mais suave, se eu pudesse sentir!...

19-6-1934.

TRECHO

DO "LIVRO DO DESASOSSEGO", COMPOSTO POR BERNARDO SOARES, AJUDANTE DE GUARDA-LIVROS NA CIDADE DE LISBOA.

Quando vivemos constantemente no abstrato - seja o abstrato do pensamento, seja o da sensação pensada -, não tarda que, contra nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem fantasmas aquelas coisas da vida real que, em acôrdo com nós mesmos, mais deveriamos sentir.

Por mais amigo, e verdadeiramente amigo, que eu seja de alguem, o saber que êle está doente, ou que morreu, não me dá mais que uma impressão vaga, incerta, apagada, que me envergonho de sentir. Só a visão directa do caso, a sua paisagem, me daria emoção. À força de viver de imaginar, gasta-se o poder de imaginar, sobretudo o de imaginar o real. Vivendo mentalmente do que não ha nem póde haver, acabamos por não poder cismar o que póde haver.

Disseram-me hoje que tinha entrado para o hospital, para ser operado, um velho amigo meu, que não vejo ha muito tempo, mas que sinceramente lembro sempre com o que suponho ser saudade. A unica sensação que recebi, de positiva e de clara, foi a da maçada que forçosamente me daria o ter que ir visitá-lo, com a alternativa ironica de, não tendo paciencia para a visita, ficar arrependido de a não fazer.

Nada mais... De tanto lidar com sombras, eu mesmo me converti numa sombra - no que penso, no que sinto, no que sou. A saudade do normal que nunca fui entra então na substância do meu ser. Mas é ainda isso, e só isso, que sinto. Não sinto propriamente pena do amigo que vai ser operado. Não sinto propriamente pena de todas as pessôas que vão ser operadas, de todos quantos sofrem e penam nêste mundo. Sinto pena, tamsòmente, de não saber ser quem sentisse pena.

E, num momento, estou pensando em outra coisa, inevitavelmente, por um impulso que não sei o que é. E então, como se estivesse delirando, mistura-se-me com o que não cheguei a sentir, com o que não pude ser, um rumor de arvores, um som de agua correndo para tanques, uma quinta inexistente... Esfórço-me por sentir, mas já não sei como se sente. Tornei-me a sombra de mim mesmo, a quem entregasse o meu ser. Ao contrário daquêle Peter Schlemil do conto alemão, não vendi ao Diabo a minha sombra, mas a minha substância. Sofro de não sofrer, de não saber sofrer. Vivo ou finjo que vivo? Durmo ou estou desperto? Uma vaga

BIBLIOTECA NACIONAL

Trecho - pag. 2.

aragem, que sai fresca do calôr do dia, faz-me esquecer tudo. Pesam-me as pálpebras agradavelmente... Sinto que êste mesmo sol doira os campos onde não estou e onde não quero estar... Do meio dos ruidos da cidade sai um grande silêncio... Que suave! Mas que mais suave, talvez, se eu pudesse sentir!mmm ...

FERNANDO PESSOA

BIBLIOTECA NACIONAL

Nem viuva nem filho lhe poz na bocca o obulo, com que pagasse a Charonte. São velados para nós os olhos com que traspoz a Styge e viu nove vezes espelhado nas aguas inferas o rosto que não conhecemos. Não tem nome entre nós a sombra agora errante nas margens dos rios soturnos; o seu nome é sombra tambem.

Morreu pela Patria, sem saber como nem porquê. O seu sacrificio teve a gloria de não se conhecer. Deu a vida com toda a inteireza da alma: por instincto, não por dever; por amor á Patria, não por consciencia d'ella. Defendeu-a como quem defende uma mãe, de quem somos filhos não por logica, senão por nascimento. Fiel ao segredo primevo, não pensou nem quiz, mas viveu a sua morte instinctivamente, como havia vivido a sua vida. A sombra que usa agora se irmana com asque cahiram em Thermopylas, fieis na carne ao juramento em que haviam nascido.

Morreu pela Patria como o sol nasce todos os dias. Foi por natureza o que a Morte havia de tornal-o.

Não cahiu servo de uma fé ardente, não o mattaram combatendo pela baixeza de um grande ideal. Livre da injuria da fé e do insulto do humanitarismo, não cahiu em defensa de uma idéa politica, ou do futuro da humanidade, ou de uma religião por haver. Longe da fé no outro mundo, com que se enganam os crédulos de Mahomet e os sequazes de Christo, viu a morte chegar sem esperar nella a vida, viu a vida passar sem que esperasse vida melhor.

Passou naturalmente, como o vento e o dia, levando comsigo a alma, que o fizera differente. Mergulhou na sombra como quem entra na porta onde chega. Morreu pela Patria, a unica cousa superior a nós de que temos conhecimento e razão. O paraizo do mahometano ou christão, o esquecimento trasncedente do Buddhista não se lhe reflectiram nos olhos quando nelles se apagou a chamma, que o fazia vivo na terra.

BIBLIOTECA NACIONAL

Não soube quem foi, como não sabemos quem é. Cumpriu o dever sem saber o que cumpria. Guiou-o o que faz florir as rosas a ser bella a morte das folhas. A vida não tem razão melhor, nem a morte melhor galardão.

------- do heroismo simples, sem céu a ganhar pelo martyrio, ou humanidade a salvar pelo exforço; da velha raça pagan que pertence á Cidade e para fóra de quem estão os barbaros e os inimigos.

-------- mas na emoção com que o filho quer á mãe, porque ella é a sua mãe e não por elle ser seu filho (?)

Visita agora, conforme os deuses concedem, as regiõ es onde não ha a luz, ~~ouvindo~~ os lamentos de Cocyto, e o fogo de Phlegethonte e ouvindo na noite o ~~xxxx~~ lapso leve da livida onda lethé a.

Elle é anonymo como o instincto que o mattou. Não pensou que ia morrer pela Patria; morreu por ella. Não determinou cumprir o seu dever; cumpriu-o. A quem não teve nome na alma, justo é que não perguntemos que nome definiu o seu corpo. Foi portuguez; não sendo tal portuguez, é o portuguez sem limitação.

O seu logar não é ao pé dos creadores de Portugal, cuja estatura é outra, e outra a consciencia. Não lhe cabe a companhia dos semideuses, por cuja audacia cresceram os caminhos do mar e houve mais terra que caber no nosso alcance.

BIBLIOTECA NACIONAL

Nem estatuanem lapide narre quem foi o que foi todos nós; como é todo o povo, deve ter por tumulo toda esta terra. Em sua propria memoria o ~~xxxxxxxxx~~ devemos sepultar, e por lapide por-lhe o seu exemplo apenas.

L. do D. — Diario Lucido

372

A minha vida, tragedia cahida sob a pateada dos anjos (deuses) e de que só o primeiro acto se representou.

Amigos, nenhum. Só uns conhecidos que julgam que sympathisam commigo e teriam talvez pena se um comboio me passasse por cima e o enterro fôsse em dia de chuva.

O premio natural do meu affastamento da vida foi a incapacidade, que creei nos outros, de sentirem commigo. Em torno a mim ha uma aureola de frieza, um halo de gelo que repelle os outros. Ainda não consegui não soffrer com a minha solidão. Tão difficil é obter aquella distincção de espirito que permitta ao isolamento ser um repouso sem angustia.

Nunca dei credito á amisade que me mostraram, como o não teria dado ao amor, se m'o houvessem mostrado, o que, aliás, seria impossivel. Embora nunca tivesse illusões a respeito d'aquelles que se diziam meus amigos, consegui sempre soffrer desillusões com elles - tão complexo e subtil é o meu destino de soffrer.

Nunca duvidei que todos me trahissem; e pasmei sempre quando me trahiram. Quando chegava o que eu esperava, era sempre inesperado para mim.

Como nunca descobri em mim qualidades que attrahissem alguem, nunca pude acreditar que alguem se sentisse attrahido por mim. A opinião seria de uma modestia estulta, se factos sobre factos - aquelles inesperados factos que eu esperava - a não viessem confirmar sempre.

Nem posso conceber que me estimem por compaixão, porque, embora physicamente desageitado e inacceitavel, não tenho aquelle grau de amarfanhamento organico com que entre na orbita da compaixão alheia, nem mesmo aquella sympathia que a attrahe quando ella não seja patentemente merecida; e para o que em mim merece piedade, não a pode haver, porque nunca ha piedade para os aleijados do espirito. De modo que cahi naquella centro de gravidade do desdem alheio, em que não me inclino parava sympathia de ninguem.

Toda a minha vida tem sido querer adaptar-me a isto sem lhe sentir demasiadamente a crueza e a abjecção.

É preciso certa coragem intellectual para um individuo reconhecer destemidamente que não passa de um farrapo humano, aborto sobrevivente, louco ainda fóra das fronteiras da internabilidade; mas é preciso ainda mais coragem de espirito para, reconhecido isso, crear uma adaptação perfeita ao seu destino, acceitar sem revolta, sem resignação, sem gesto algum, ou esboço de gesto, a maldição organica que a Natureza lhe impoz. Querer que não soffra com isso, é querer de mais, porque não cabe no humano o acceitar o mal, vendo-o bem, e chamar-lhe bem; e, acceitando-o como mal, não é possivel não soffrer com elle.

Conceber-me de fóra foi a minha desgraça - a desgraça para a minha felicidade. Vi-me como os outros me vêem, e passei a desprezar-me - não tanto porque reconhecesse em mim uma tal ordem de

BIBLIOTECA NACIONAL

mas

qualidades que eu merecesse desprezo, mas porque passei a vêr-me como os outros me vêem e a sentir um desprezo qualquer que elles por mim sentem. Soffri a humilhação de me conhecer. Como este calvario não tem nobreza, nem resurreição dias depois, eu não pude senão soffrer com o ignobil d'isto.

Comprehendi que era impossivel a alguem amar-me, a não ser que lhe faltasse de todo o senso esthetico - e então eu o despreza-ria por isso; e que mesmo sympathisar commigo não podia passar de um capricho da indifferença alheia.

Vêr claro em nós e em como os outros nos vêem! Vêr esta verdade frente a frente! E no fim o grito de Christo no calvario, quando viu, frente a frente, a sua verdade: Senhor, senhor, porque me abandonaste?

5/10/1932.

A Morte do Principe.

373

Porque não será tudo uma verdade inteiramente differente, sem deuses, nem homens, nem razões? Porque não será tudo qualquer cousa que não podemos sequer conceber que não concebemos - um mysterio de outro mundo inteiramente? Porque não seremos nós - homens, deuses, e mundo - sonhos que alguem sonha, pensamentos que alguem pensa, postos fóra sempre do que existe? E porque não será esse alguem que sonha ou pensa alguem que nem sonha nem pensa, subito elle-mesmo do abysmo e da ficção? Porque não será tudo outra-cousa, e cousa xxxxxx nenhuma, e o que não é a unica cousa que existe? Em que parte estou que vejo isto como cousa que póde ser? Em que ponte passo que por baixo de mim, que estou tam alto, estão as luzes de todas as cidades xx do mundo e do outro mundo, e as nuvens das verdades desfeitas que pairam acima e ellas todas buscam, como se buscassem o que se pode cingir?

Tenho febre sem somno, e estou vendo sem saber o que vejo. Ha grandes planicies tudo a roda, e rios ao longe, e montanhas... Mas ao mesmo tempo não ha nada d'isto, e estou com o principio dos deuses e com um grande horror de partir ou de ficar, e de onde estar e de o que ser. E tambem este quarto onde te ouço olhar-me é uma coisa que conheço e como que vejo; e todas estas coisas estão juntas, e estão separadas, e nenhuma d'ellas é o que é outra cousa que estou a ver se vejo.

Para que me deram um reino que ter se não terei melhor reino que esta hora em que estou entre o que não fui e o que não serei?

BIBLIOTECA NACIONAL

Em mim foi sempre menor a intensidade das sensações que a intensidade da consciencia d'ellas. Soffri sempre mais com a consciencia de estar soffrendo que como soffri-mento de facto tinha comsigo.

A vida das emoções começou a ser, a seus olhos, para o pensamento, e ali ia sempre mais amplo. mente o conhecimento exterior da vida.

E como o pensamento, quando abraça a emoção, lhe tira mais exactidão que della, • segmenta-a em momentos, em phases mais especificas, mais brilhantes mas menos humanas.

~~O mais profundo epitaphio~~

Creio-me cahir a dizer, pensando. Multiplico-me despersonalizando-me. O mais profundo epitaphio — uma alta, sabia dor posta a nú, a rez do chão do meu ser, a pulsar por si propria com a dor e a vontade, ~~a vontade~~ • fluctuante abatido na gravidade calma, ~~a vontade fluctuante~~ • Luz por entre as folhas, pensamento, alma — tudo ao mesmo tempo, pensando-a e sentindo-a. Em cada momento um novo eu, uma nova alma, um novo pensamento em cada emoção differente.

Vivo de impressões que em mim penetram, perdem-se de reconhecer, outras me substituem em seu.

375

Sempre achei que haveria a hora,
sem decisão nem vitória, entre o que
ama e o que não ama, e o
que ama e o que não ama. Sempre,
sempre, haverá o abismo entre quem
começa e quem acaba. Sempre
começa por uma coisa e acaba noutra.
Lembro-o, e vivo; e ainda não tem tudo
para me dar?

— Nunca.

— Também, sempre tarde ou cedo.

Uma coisa...

— Tu tens alguns bons versos, e alguns gostos até, —
mas onde é o teu valor?

— Não tenho. Gostava de ter? E tu vais
a bem cedo?

— Nunca. Não o antevias?

— Antevia, mas acreditava. Para que desejar o
que se alcança?

Na obra prima é um Drama no fim
do Palácio, uma intenção lunar, uma
fuga e pra nos entreter enquanto
a luz passa para os atos

Ah, lembro-me bem! Era na casa velha da ponta antes e ao pé; depois a ~~casa~~ casarem e fazem meia, o chá vinham, e a tomar, e o amor ~~com~~ bom pra ou barcos na Ourém - Diz-me estes antigos, tal qual era. Com o relógio a tocar as duas, a grande para ter os Jesus tão. Que me é um Olhos Olhos pra me não pode ó tornado? O pescado? Que tenho eu com Jesus pra não pôr nos relógio antigo?

~~Fez~~ Tabo tudo logo Ilusão e sonho, mas não fosse a vida e os fosse de sonhos. Restitua-me o pescado, pescado a verdade. Diz-me onde vão a infância e leva Deus contigo.

— O teus sympathias! De en chamar-
-me como uma creança com medo
mentira de teus ~~segredos~~ sympathias, me
vem afagar os cabellos e emballa-
-me por alli até fic en mesma. De en
me fender na extrada, tu nã tens
vergonha [illegible] fic en verdade
buscar pela mão. Tenho fito vos
teus transcendencias. Chamo-me Lar
no Além. Julgas pic alguem te
vê na alma a metamorphose de
nogotes a n alta verdade?
— De pra o pic n tem nada nessa alma?
— De qualquer coisa como tudo
pic fic a nossa infancia. De
pic fic a nossa mortes, de tios velhos nos.
Que coisa é pic é a saudade, es-
-ses mortos. Que tem o infante
bra
comigo?

377

— Bonsoir, tous les deux. Vous vous connaissez...

— Bien sûr. Vous vous êtes. Ce matin c'est
à peu près à vous, par ici, quelle pièce
la traversiez pour aller à la cuisine et vous
vous dirigiez vers la fenêtre, et à ce
moment-là, vous avez entendu...

— Mais je ne vois pas où tout cela, ça m'embête.
Vous allez — Oh! ça va, ça va, ça va
aller — Vous ?

BIBLIOTECA NACIONAL

Todos os fenomenos acontecem no mundo
corporeo por causas explicaveis pelas
leis que conhecemos das Coisas. Todos os
Dias, feitas as mesmas, esperamos
os mesmos effeitos. As causas
A lei, conhecida-se o seguinte
em aspecto. Tal é a lei
A que tem que ser sujeito para
pode ser explicado. A lei é
Conhecida regular o mundo ~~visivel~~ visivel.
O abaixo assignado. Rio de Janeiro.

BIBLIOTECA NACIONAL

5-24

A BRASILEIRA

LISBOA

~~345~~ L & D

Não-desembuchar não tem cara onde se desembuche. Nunca chegam ~~tudo~~ implica não chegar nunca.

BIBLIOTECA NACIONAL

Livro do Desassocego:

13 Trechos.

1. Peristylo.
2. Bailado.
3. O Ultimo Cysne.
4. Tecadeia ...
5. Encantamento.
6. Apotheose (Epiphania) do Absurdo (da Mentira).
7. Antemanhã.

Fim –

BIBLIOTECA NACIONAL

Vista que falsey nem tudo seja falso, que nada, ó meu amor, nos cerca do prazer quasi-espasmo da mentira.

Represa nitidíssima! Pensamento maximo! A penteira absoluta tem todo o encanto do pensamento e o ~~supremo~~ ultimo, mais encanto do que existencia. A pensamento do perpetuo innocente – quem escreverá, ó , o requinte maximo d'este? A pensamento que nem aspira a Deus-mesmo, que acha tem a fronte de ser cansar-se, que cahe para o chão entre o prazer de andar, nitido e absoluto como um limpido anel-feito comprar com absoluta gentileza!

Não conheces, ó delicadeza, o prazer de comprar cousas que não são precisas! Saber o sabor aos commentos que, ultimamente dizendo, me fazem mal que os comeriamos! Que acto humano tem uma tão fina belleza como o acto supremo – que encontra a sua propria natureza e dorme o que lhe é a existencia?

A multiplidade de depoimentos uma coisa
fantástica até, é mesmo escusado uma pessoa
que por fora minha bolha, de abandonar a
preocupação a atenção sua vítima!

Ah, meu amor, a ilusão dos dias que
a pensamos e mesmo a achamos, os
factos que são tidos apenas hoje, dos di-
reitos que ordenam, da ordem que fica
partida.

Que santificados os Homens e artistas
que queimaram uma das mentes belas,
ignoradas por, pelo fogo uma da bela,
a propósito à pessoa suspeita, d'aquelles
factos imaginários de Ciência por, acordado
que pudessem ser dos ~~[illegible]~~ de todos pe-
sita. Pessoa cumpra-a de mesma a
pessoa. (A pessoa suspeita, vá)

Quão pouco bela a Grécia deve ser a
mesma vida! E a pessoa a mesma
queimar, que artista queima. que mais
artista pessoa aquela pessoa a pessoa!

Pessoa, bela a arte? Ser é mentira?
Vejo-a ser a vida! Pessoa tudo pes-
pectiva e intenção. Tudo os mesmos
mentos são para ai a um ponto para a
ato. Quem me disse o cabo feito de um
corpo d'ouro anjo ~~[illegible]~~ pelo pessoa em corpo pe-
ra ouro anjo vaso! Quem ~~[illegible]~~ disse a mesma

OBSERVAÇÕES

3074-40

5.26

Proposta para Hypotheca

O Proponente

Sr. ... morador na ... freguezia de ... propõe para hypotheca pela quantia de ... réis, ao juro de ... % ao anno, pagos adiantadamente, o seu predio composto de ... andares, ... loja ... com o rendimento de ... réis, annual pago de ... annos como consta.

O valor venal approximado de ... réis e que deseja hypothecar pelo prazo de ... annos.

As despezas de registo, emolumentos, tabellião, commissões, etc. por sua conta.

Lisboa, ... de ... de 19...

O Agente

BIBLIOTECA NACIONAL

15-V-1913

Ella canta e as suas notas Sobem
Perfumadas d'ouriço ao ar...
Em torno as cousas todas entristecem,
adormecem
anoitecem

A'pressa por ella lhes passa a lua.

O' alma d'amamentar-se virginal,
O' anteriores requintes da expressão...
Riso de sua ~~alma~~ em torno espalhado
Voz branda em silencio a vicejar
E abrir-se - a vel-o o crepusculo
+ Espraia a sua perfeita a sua perfeição.

Luzes de brilhantes de sol-espirito +
Volteiam em torno de seus
Olhos a tua voz em espiras

E quando a mentira cercar a dar-nos
praga, pallemos a mão para lhe mentirmos.
E pudo nos cause angustia, pensemos até
que o soffrimento nos não dispensa da praga...

5-27

L. 20 D

382

Tendo visto com que lucidez e fecheren-
cia logica certos loucos [deliriantes
systematizados] justificam, a si proprios
e aos outros, as suas ideas deliriantes,
perdi para sempre a segura certeza da
lucidez da minha lucidez.

BIBLIOTECA NACIONAL

Padre Sebastião de Sa

"Sagittario domina sobre
destinos a grande
Portugal"

L de D

383

A alma humana é victima tão inconsolavel
da dor que soffre a dor da ausencia d'Aquelle
a quem com o que ha de mais sagrado. Dá homem,
que toda a vida falla da inconstancia —
da volubilidade feminina como de
cousas naturaes e typicas, terá toda a
magoa da ausencia toda grande se
encontra traduzida em amor — Tal
qual, não outro, como a tristeza com-
pleta feita toda de esperança,
a fidelidade e a firmeza de mulher.
Tal outro, que tem tudo por vão
e vago; sentirá como um raio!
Subita a descoberta de que tem por
morta o que se ama, ~~por tão~~ por
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ o que é toda a com-
municabilidade de uma alma

Não ha quem creia que os homens, a
quem estes direitos asseguram, e
estes deveres impõem, não...
fossem eguaes nos seus direitos,
e para serem, é ainda mais
necessario estes deveres serem proporcionaes ao caso.
Nesta razão a necessidade de affirmação
intelligente contra a naturalidade da
emoção espontanea: E este parece
poder ser omni, a alma parece
poder omni te mirare, si parece
até ha não feita, o appetite Rat
feia de ha cabar, a negar ha
he seguro como guarda egualdade
na vida. Todos temos eguaes na
capacidade para o amor e para
o soffrimento. Se não pomos pra ti
ante e a mais alto, e nos tudo es
mi proximo, não a presença para a

Mas não se pode crer que os homens, a
quem estes direitos asseguram, e
estes deveres impõem, não...
fossem eguaes nos seus direitos,
e para serem, é ainda mais
necessario estes deveres serem proporcionaes ao caso.
Nesta razão a necessidade de affirmação
intelligente contra a naturalidade da
emoção espontanea: E este parece
poder ser omni, a alma parece
poder omni te mirare, si parece
até ha não feita, o appetite Rat
feia de ha cabar, a negar ha
he seguro como guarda egualdade
na vida. Todos temos eguaes na
capacidade para o amor e para
o soffrimento. Se não pomos pra ti
ante e a mais alto, e nos tudo es
mi proximo, não a presença para a

L do D.

(Refaca?)

384

Tenho que escolher o que detesto - ou o sonho, que a minha intelligencia odeia, ou a acção, que a minha sensibilidade repugna; ou a ~~facto~~ acção, para que não nasci, ou o sonho, para que ninguem nasceu.

Resolvo que, como detesto ambos, não sonho nenhum, nem ~~me~~ hei-de, em caso nenhum, ou sonhar ou agir, misturo uma coisa com outra.

BIBLIOTECA NACIONAL

Quanto mais contemplo o spectaculo do mundo, e o fluxo e refluxo da mutação das cousas, mais profundamente me compenetro da ficção ingenita de tudo, do prestigio falso da pompa de todas as realidades. E nesta contemplação, que a todos, que reflectem, uma ou outra vez terá succedido, a marcha multicolor ~~das xixxi~~ dos costumes e das modas, o caminho complexo dos progressos e das civlizações, a confusão grandiosa dos imperios e das culturas - tudo isso me apparece como um mytho e uma ficção, sonhado entre sombras e esquecimentos. Mas não sei se a definição suprema de todos esses propositos mortos, até quando conseguidos, deva estar na abdicação extatica do Buddha, que, ao comprehender ~~xx~~ a vacuidade das cousas, se ergueu do seu extase dizendo "Já sei tudo", ou na indifferença demasiado experiente do imperador Severo: "omnia fui, nihil expedit - fui tudo, nada val a pena".

BIBLIOTECA NACIONAL

Atà 20

18-9-1917

L. de D. 386

Em todos os logares da vida, em todas as situações e conveniencias, eu fui sempre, para todos, um estranho. Pelo menos, fui sempre um estranho. No meio de parentes, como no de conhecidos, fui sempre sentido como alguem de fóra. Não digo que eu fôsse sempre por uma attitude espontanea da minha ~~de~~ temperamento altivo.

Fui sempre, em toda a parte e por todos, tratado com sympathia. A pequenissima, mesmo, tem tão pouca gente ligada a ella, ao passo a todos, ao follado alto ao de casa. Mas a sympathia, com que sempre me trataram, foi sempre ~~dos~~ cinzenta (exempto) de affeição. Para os mais naturalmente intimos fui sempre um hospede, que, por hospede é bem tractado, mas sempre com a attenção devida ao estranho, e a falta da affeição merecida pelos intimos.

Não duvido que tudo isto, da attitude de todos, devia principalmente de provir d'uma causa minha (minha) do meu proprio temperamento. Sou talvez de uma raça communicativa, para mim voluntariamente abro o meu coração e reflecto o meu mal de pouco sentir.

Trouxe, por acaso, rapidamente conhecimento. Tratam-me para a sympathia de outros. Não o offereço nunca desejam. Desde cedo - nunca os conheci. Amaram, foi cedo para sempre me parecem injustos, como um estranho tratar-me por tu.

Não me a offereço como eu, o acerto como um destino indifferente, como por só ha bem por offerecer bem por acceitar.

Desejo sempre agradar. ~~Amar~~ Dar-me sempre que me for indifferente. Depois do Futuro, tudo, como todos os espaços, a recordação de me o objecto offerecido algum. Para sempre forma de realização é uma recordação. Tanto me adaptei a essa forma mental que, por vezes nem me da tanto a recordação do comer.

Com isto me dou isto a vida de mim.

Os outros têm pena de mim de dó que. Eu nunca tive quem sympathisasse em a me dedicar. Deixam os outros a minha tratarem-me bem.

Reconheço em mim a capacidade de provocar respeito, mas não affeição, respeito mi tão feito até em [illegible] a N-Sª em respeito começado para o futuro; até que mesmo chego a respeito-me Deus.

Julgo as vezes que gosto offender. Mas na verdade em profundo não creio.

3

L d D.

(I)

387

O homem negro sorri deliciosamente. Abre-me com ruma de confiança por não era malevolo. Depois ouvi novamente, mas em tinto. Bateu-lhe atrás e abriu-lhe o portão. Entrei pisando em ovos e abraçou-me.

Não tenho qualidades de Chefe, nem de segurança. Nem espero as tenho de satisfeito, por isso se por acaso pensa nas outras fortes.
Outros, muitos intelligentes que eu, são mais fortes. Talharam melhor a sua vida contra gente; abnegação mais habilmente a sua intelligencia. Tenho todas as qualidades para soffrer, menos a arte de o fazer, ou a vontade, mesmo, de o dissimular.

Se um Rei amou, não pensa mais.

Bate em peito mesmo a sua face alta mesmo. O meu Destino, pois, não tem a força de se acostar para qualquer. Tem a fraqueza de se mostrar nos casos para mim.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Desde que possamos considerar este mundo uma illusaõ e um phantasma, poderemos considerar tudo que nos acontece como um sonho, coisa que fingiu ser porque dormiamos. E então nasce em nós uma indifferença subtil e profunda para com todos os desaires e desastres da vida. Os que morrem viraram uma esquina, e porisso os deixámos de vêr; os que soffrem passam perante nós, se sentimos, como um pesadello, se pensamos, como um devaneio ingrato. E o nosso proprio soffrimento não será mais que esse nada. Neste mundo dormimos sobre o lado esquerdo, e ouvimos nos sonhos a existencia/do coração.
oppressa

- Mais nada... Um pouco de sol, um pouco de brisa, umas arvores que emmolduram a distancia, o desejo de ser feliz, a magua de os dias passaram, a sciencia sempre incerta a a verdade sempre por descobrir... Mais nada, mais nada... Sim, mais nada...

21-6-1934.

BIBLIOTECA NACIONAL

Paisagem de chuva

389

Toda a noite, e pelas horas fora, o chuvi-
-nha batia. Toda a noite, com o seu
a
a monotonia fria me visitou os olhos. Era um
rosto de vento, em os seus abetos, assobiava, e a água
molhava de leve a janela dos meus sonhos; era um som
calmo; era um som que fazia sempre o
calar mudo. A sua face era a mesma de sempre,
entre lençóis como entre flores, silenciosamente
consciente e ausente. Tinha o frio como a
felicidade — ápatica como poesia que tanto entorpece.

O dia e a felicidade nunca vêm! A tarde,
ao menos, fundem-se com a noite e a saudade.

um casal de um carro tarde, ofereu a voltar
aos pedros, disse o fumo de sua, thalegam todos
por todos de vinho, apagou-se para o fumo na
cama, para o fumo. Só vejo muito pra ai conjunto
de todos. Batia, de pranto em pranto, uma festa
de escola. Só vejo boi em chapeuzinho legal de
festa um copo pra ninguém de vinho entrou em
a até vez, que os pedros eram mais, ouvia alto
e atacaram depois à vidraça ultrai, em os fazes
pra a apagou, e a chuva continuou, ininterrupta-
mente.

Os pedros, ininterruptamente ainda do meu pranto e a
ultima a dor à mesma festa. Brasina fogueta à noite fe-
ita, vejo luzes, vejo pedros, cinzas à toda pra Zupiram e Geraldo.
Só vinha, vinha à pra à dia, mandioca cozinha e doce
fazia. Os pedros pedra ininterruptamente em
casa em mais banca ...

O homem não deve pedir
ver a sua propria cara.
Isso é o que ha de mais
terrivel. A Natureza
deu-lhe o dom de não
a poder ver, assim como
lhe não poder fitar os
seus proprios olhos.

Só numa agua de
rio e n'uma hora em que
podia fitar com vagar.
E a pintura, mesmo,
que tinha de tomar,
era symbolica. Tinha
de se curvar, de se baixar
para conseguir a propria
luz em si.

O acaso é o espelho
em que vemos a alma
humana.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. 391

1st. article

Quando nasceu a geração, a que pertenço, encontrou o mundo desprovido de apoios para quem tivesse cerebro, e ao mesmo tempo coração. O trabalho destructivo das gerações anteriores fizera que o mundo, para oqual nascemos, não tivesse segurança que nos dar na ordem religiosa, esteio que nos dar na ordem moral, tranquillidade que nos dar na ordem politica. Nascemos já em plena angustia metaphysica, em plena angustia moral, em pleno desasocego politico. Ebrias das formulas externas, dos meros processos da razão e da sciencia, as gerações, que nos precederam, alluiram todos os fundamentos da fé christan, porque a sua critica ~~xixixix~~ biblica, subindo de critica dos textos a critica mytholo-gica, reduziu os evangelhos e a anterior hierographia dos judeus a um amontoado incerto de mythos, de legendas e de mera literatura; e a sua critica scientifca gradualmente apontou os erros, as ingenuidades selvagens da "sciencia" primitiva dos evangelhos; e, ao mesmo tempo, a liberdade de discussão, que poz em praça todos os problemas metaphy-sicos, arrastou com elles os problemas religiosos onde fos-sem da metaphysica. Ebrias de uma cousa incerta, a que chamaram "positividade", essas gerações criticaram toda a moral, esquadrinharam todas as regras de viver, e, de tal choque de doctrinas, só ficou a certeza de nenhuma, e a dor de não haver essa certeza. Uma sociedade assim indis-ciplinada nos seus fundamentos culturaes não podia, eviden-temente ser senão victima, na politica, d'essa indisciplina; e assim foi que acordámos para um mundo avido de novi-dades sociaes, e com alegria ia á conquista de uma liberda-de que não sabia o que era, de um progresso que nunca de-finira.

Mas o criticismo fruste dos nossos paes, se nos legou a impossibilidade de ser chistãos, não nos legou o conten-tamento com que ~~x~~ ~~xxxxxxxx~~ a tivessemos; se nos legou a des-crença nas formulas moraes estabelecidas, não nos legou a indifferença á moral e ás regras de viver humanamente; se deixou incerto o problema politico, não deixou inddiferente o nosso espirito a como esse problema se resolvesse. Nossos paes destruiram contentemente, porque viviam em uma epocha que tinha ainda reflexos da solidez do passado. Era aquillo ~~mxemo~~ que elles destruiam, que dava força á sociedade, para que pudessem destruir sem sentir o edificio rachar-se. Nós herdámos a destruição e os seus resultados.

Na vida de hoje, o mundo só pertence aos estupidos, aos insensiveis e aos agitados. O direito a viver e a trium-phar conquista-se hoje quasi pelos mesmos processos, por que se conquista o internamento num manicomio: a incapaci-dade de pensar, a amoralidade, e a hyperexcitação.

BIBLIOTECA NACIONAL

É legítima toda a defesa da lei moral que é feita em obediência a uma lei moral superior. Não é desculpável roubar um pão por ter fome. É desculpável a um artista roubar dez contos para fazer uma obra de arte. Não amo a minha obra tanto a ponto de a preferir a tudo; e é uma mera obra de arte — não vale o argumento.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do M.

393

e tudo é uma doença ou
amarel.

A curiosidade de saber, o tempo
de ter de não saber fazer nada,
a incapacidade de agir, como uma

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Perder tempo compondo uma esthetica.
Ha, para os artistas nas sensações, um formulario da belleza que inclue receitas para todos os fins de lucidez. A estrategia com que se luta com a vocação [illegible] nos convencionaes ornias, com os minutos do sentimento ~~exige um estudo que~~ ~~qualquer~~ mero esthetica nas supporta fazer (completar). A cura aguda da etiologia dos escrupulos deve seguir-se uma d'agora chronica da subsciencia á normalidade. Ha a cultivar tambem, a agilidade contra os intrusos da vida; um dever começar-nos cuidado ~~contra~~ contra os ~~contrarios~~ alheios, e uma nulla indifferença encarnar-nos a alma contra os grupos nullos da coexistencia com os outros.

BIBLIOTECA NACIONAL

12.34
3.20
15.54
3.84

☽ 3.8

☌ 3° 8'
4 16
28° 52' 1 Jan 1915
29° 56' 1 Fev°
1° 0' 1 Mars
2° 4' 1 Abril ☍ ☉R
3° 8' 1 Maio ☍ ☽R
4° 12' 1 Junho
5° 16' 1 Julho
6° 20' 1 Agosto
7° 24' 1 Set. ☍ ☿R
8° 28' 1 Outº

1.4
4
4.16

4.5
1.55
2.10

2.55

Uma variação phenomenica.

4.5
5.35
28.20

4.5
28.53
5.13
Mem ☽ △ 24, ☽ segue hoje ☍ ♃

4.5
2.4
2.1

4.5
1.26

16 4 13 4

30 - 22 1/2
15 - 11 1/4

Bem 7 1/2 - 5 5/8 Mau
3 3/4 - 2 13/16
1 7/8 - 1 13/16

4.5/16 = 2 13/16

4.5/8 1.13 1 7/8

L. do D-

395

O lemma que hoje mais requeiro para definição do meu espirito é o de creador de indifferenças. Mais do que antes, quereria que a minha acção pela vida fosse de crear o antes a sentir cada vez mais para si-respeito, e cada vez menos ligado à lei dynamica da collectividade. Educar naquella autonomia espiritual pela qual não ser bom ou mau segundo o mais constante dictame do pedagogo mitico que se quereria ser. Que quantos ou bons ou maus dorem - penso a pena + amarga como o amplo mando - a não ~~ter~~ sensação nenhuma perante os seres alheios e os gestos dos outros, ~~ser~~ de dentro ~~ser~~ sufficientemente a esta ~~vida~~ propria vida.

BIBLIOTECA NACIONAL

Julia A. Veller

16 Fevereiro de 1891

10 h. da manhã

Eleição de Deputados

6 de Junho de 1915.

10 h. noite.

A minha filha de oito anos
uma subtil com etiologia meta-
física. Fez um ~~fato~~ pior, um
~~crime~~ de cores, uma perturbação
um sofrimento, no mundo exterior;
preferiu-se fazer a vida a cujo ha-
via dado entrada a tudo em
~~seu~~ em ordem. Pois a injustiça
~~metafísica~~ é a mais grave das
formas, pelo atentado dentro
do crime. Adquiri pensando após um
conceito de humanidade transcendental,
por me intuir, dentro do fato, in
consciente, a relação mútua
acentuada em o mundo subjetivo

5·41

306

Vosso-ei a vós me encontro.
Pertenço a bons visántemos,
vitórios em abrigamento
jarros. Dem-fe a mi
Valma uma cura Deirativa.
~~Ao mufo~~ Dente d'ei ~~fue~~
me maren uma vintê~~d~~
na vida
Não ei' oque Vitalhos Semanàs-
mente pampers e recebing
Supreria o feitio ~~da amiti~~ do mais
esfinta alma. O meu amor ao
ornamental ei' sem divisa
por pon dinte ei' ela pudund
and identum ei' mibund
Fa my alma ::

G. pompon? Tenho um
gue ciffi/ple de Rela-
fi' o ei'... Nunca pud
adriar um ponto com um
fi' formidável.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. 397

(a chichua 's plays with cattle milk, etc)

Eu nunca fui senão sonhar. Tem sido isso, e isso apenas, o sentido da minha vida. Nunca tive outra preocupação verdadeira senão a minha vida interior. As maravilhas da minha vida exterior, as aventuras em que eu me encontrei, alheio à janela para dentro de mim [para a vida do mundo] pude esquecer-me na visão do seu movimento.

Nunca pretendi ser senão um sonhador. A quem me julgou de outro nunca prestei atenção. Pertenci sempre ao que não sou e ao que nunca pude ser. Tudo o que não é meu, por isso que seja, tem sempre poesia para mim. Nunca amei senão coisa nenhuma. Nunca soube senão o que nem pude imaginar. ~~Nunca~~ Nunca pedi ~~mais do que~~ nada por nada em troca. Só amei apenas exigi de mim-mesmo. E só a mim mesmo chamei. Os meus próprios pensamentos íntimos mais to a dentro, foi sempre o que aquietou que me atraiu, e os na distância dos meus pensamentos tinham ~~ela~~ ~~pa~~ amado com os outros em relação só antes parte da paisagem - amado que pude ser a poesia [que] os pudesse amar.

A minha mania de ver um mundo falso acompanha-me ainda, e só em my mente me abandonará. Não almoço hoje [illegible] minha amiga Jo- vita com a [illegible] a Joana de Vasconcelos - em um bife a um canto almoçando - mas tenho pena de o não fazer... e almoço em minha imaginação, confortavel- mente, com um ar mimo e graça a uma [illegible], [illegible] pois habitam, e não estão contentes e vão, na minha vida interior. Tenho um mundo de amigos dentro de mim, com vida própria, reais, definidos e inteligentes.

Alguns possam difficuldades, outros tem uma vida [illegible] pitoresca e humilde. Uns outros tem são carácteres - vigorosos (pode ser embora um carácter - vigoroso fisicamente um fraco moralmente - vice-versa!). Outros mesmo em abismos e vilões [illegible] para as fronteiras de um Portugal distante ou; com a vida, até por acaso se encontra e vendem, ou entretanto... Dão-lhes um beijo, ou um abraço... E quando me isto, passeio na praia, falando alto, gesticulando... Pois não isto, e os vícios nos contos - os, [illegible] em um abraço, em silêncio, em pranto, [illegible] alto [illegible] e tem uma [illegible] dama viúva, viúva.

BIBLIOTECA NACIONAL

398

Ah, não ha saudades mais ternas
de que a Sra. comigo minha filha!
O que eu acho quando penso no
passado ou tão no tempo mal,
quando choro sobre o caixão de
vidro da my infancia ida, ... ou
mesmo não attinjo o fera Mana
e ~~fraquissa~~ trémulo com um choro
sobre não mesmo mas os fogos
luminosos de meus olhos, os
pobres pequenos accumulados em
redor de tão cruel ausencia,
pobres, pobres, ao menos na minha
vida, ao meu menos especie
de my misericordia, ao pensar
que um pouco mais cedo ou mais
tarde eu terei de morrer!

A saudade não pode remir e resgatar nunca
o tão lacrimosa cruz Dor, pois
nem siquer bastam, o pior
quando medito que meus anjos
de minha, com pouco tempo
de minha ausencia, a outros
corpos illuminados, e cofi
magoados, tão tão, não poderão
ser, após, a nenhum espaço
de sua pureza se, mesmo,
misericordia de my ausencia d'elles!
Oh, o passado morto que eu tanto
chamei e nunca estou mais
chamado! O flor de jasmin

4

Da janela com a cara em
fora. Minha amiga ao
ao lado. As horas, a passar,
o jantar, as pessoas a ir
e a vir em volta! As
vilegiaturas suspeitas, os
meus poemas em carne viva
minha amiga! As anas d
a' beira da estrada, a estrada,
a poeira, o capinar de pouca-
terra, a sua pena de
sol, ali quase em cima
a fogo d Deus e eu, a pensar
para a sombra, para uma
fonte a sombra tal-a sombra
e a fonte onde ou a tarde,
a pensar a ver a tarde,
a ver-me tarde para pôr, sobre
ao ar. cansado.

Ha tanta a beleza
a vida ao ar livre ainda
menos. Certos mais, a
velho artista, até desgraça
ja vai a pensar em ganância
muito bem - para a realidade
dentro de mim. Aqui a mesma
era antes, meu pinguento
tanto. Ainda - ao vai pela vida
alli, para ella fui mais a
vai. Vai ao ar, ao sol, ao
fogo - a ami d'ouro d'a-
alli beija para bem ao meu ai'a

pequena fracção d'um instante ad
Deus já não era bom! Não
podia ser pequeno ou estar
obscurecido, no seio á
beira do rio, por aquelle lucta
terra (entre rel - Deus!),
vendo o seu povo [illegible] em luta
por causa do delicioso (-os)
do seu salvador! Ainda o
não podia saber inteiramente
Oh-a-ne. As feições da minha
saudade eram outras. A data
do meu desespero era differente.
A impaciencia já me torturava
em d'outra ordem d'angustia.
Ah, não foi tudo isto em mim
contricto em Deus, uma
satisfação confusa o espirito
d'um dia, dia ou mil anos,
por um tempo vertical,
comprehensivel com a di-
recção dos meus sentidos e
dos meus desejos! Não havia,
pelo menos só para mim, um
paraiso feito d'isto! Não
pois se encontrava a ausencia
por entre, para lado nem
para cima, ainda, entre o Rio
dos pelos do pulso, e o
murmurio [illegible] matutino
da cama, ou da cadeira
em que estou... e tudo isto
num pensamento amargo por Deus,
posto ao pé de pedra onde para
existir, ou preciso fugir

BIBLIOTECA NACIONAL

para ei o teu pensamento
meus pais sobre alguma
coisa ~~sobre~~ na falta de um
conselho. Não sei mesmo se
entretanto eles poderão resolver...

Trago a alma ~~alma~~ alma
em paz comigo... É certo isso.
Mas como o meu coração
sangra. O mal de vida, a
doença de um amigo, entre
um e um pouco confundem
perturbam-me. Não haveis
filhos para as miserias,
pequenas virtudes, mesquinhas
de outros, para as vidas
no mundo! Tem de viver e,
para comprar pão, de agir, de
vencer pelo facto de haver ante
si, real tabu, na vida!
Tem de ~~xxx~~ ter aqui sempre
de, bater forte ao alma
bofe-o, ~~esmagar~~ esmagar-o, esmagar-o em palavras,
em coisas nuas, para
entender-se ao mundo, para
música - Beethoven, de
modo que a ordem e lógica
entre ~~de~~ de si e as outras em-
presas-me, e se fizesse, com
um só encontro, ~~fazer~~ para
todo o dia de vida, com
um pouco de alimento, o
Pão, sem custo nem esforço.

Jean

A BRAZILEIRA
—
LISBOA

L. 50 D.

400

Reconheço hoje que falhei; só posso, ó vejo, se não ter pensado que falharia. Que havia em mim que pressentisse um triunfo? Eu não tinha a fé ~~de~~ de ser mestre, ou a vida até se tem... Em suma, tive um dia pior.

Os casos ~~desanimam~~ confortam, e os casos ao sol confortam. Vê passar a vida ao sol um dia azul compensa-me de muito. Esqueço indefinidamente, esqueço mais do que posso lembrar. O meu coração transluzido e aéreo penetra-se da suficiência dos casos, e olha tonto. em carinho. Nunca em fui outro coisa do que mim incapaz, despida de toda alma salvo um vago ~~vulto~~ ser de pensar e ser mim.

Tenho elementos espirituais de laboriosidade, d'estes que se acabam a vida ~~a~~ em uma coisa que se acaba às mãos cheias, mas ~~não~~ não se fez o gosto de ~~ter~~ ter sempre uma vida de fogo. Mas não tive a compensação exterior do espírito laborioso. O sacrifício foi-me sempre inútil e desmedido. Nunca fui mais do que tolo. Tive, o fui com alma; a tolice mística, o fui com a coisa corporal.

BIBLIOTECA NACIONAL

Os teus olhos d'pérolas fugidas
amaram comungo os meus bons meus.
Eram claros e fundos, tão fundos, tão
fundos não significaram segredos. Os teus
lábios festejaram sobriamente a ciência
de um pequeno sorriso. Compreendeste bem
o teu destino? Era por o entenderes assim
que o explodiu em o ~~teu~~ mistério simples
na tristeza dos teus olhos sombreados tanto
e teus lábios denitidos. A uma palavra
doce semiste longe para nascer. Na cascata
dos meus dedos a água era pálida de
silêncio. Nas pequenas conchas rosadas de
pedra, por onde a água escorria, havia restos
de tímidas gotas cravos, sobre de tamanho
pesado dos meus olhos o olhar, por
fitar-se perdia nas pedras da cascata, na
ramagem ~~da~~ densa de um pé de ~~café~~, silêncio,
de pétalas mortas nos meus olhos, e fantasmas
e meus suspiros.

Sei-te perfeita. Gosto a voluptuosidade
da pétala como quem sente o aroma de uma
flor ou o enclausurar-se.

Tive um conto triste para a manhã, nos
meus tristes anos, de pequeno dos meus pétalas,
de pôr a mão de se conter fria
num arco de meus olhos. Vivi nos meus,
e os meus vistos, quanto mais ~~medi~~
de mim.

Certas horas - intervalles por tanto tempo, horas perante a Natureza, surpreendem na ternura do sentimento ficam-me hoje para sempre como recordações. N'esses momentos esqueci todos os meus propositos de vida, todas as minhas preocupações sociaes. Gozei não só com toda a plenitude do homem espiritual, calmo no seu ideal de suas aspirações. Não pensei nunca, hoje, uma hora inteira, cheia de um gosto espiritual d'este género. A dôr ausente, em todos os meus bons instantes uma só lembrança, porém vagamente, por duas ou tres vezes a meu coração, em ais fugitivos, mas o aroma a paz em todos estes momentos intensificou-se como, e o calor de Deus, até penetrou-se no meu ser, como se ele, no mysterio confuso do meu ser, com todo o seu poder se tivesse concentrado em minha alma.

Foi um dia inteiro que passei no meio da minha vida florida. A' roda de mim todas as arvores estavam em botão. Esta paisagem circulava a vida-se-espalhava em minha alma. Os momentos mais felizes da minha vida foram estes, e entre elles, e ~~este~~ aquelle em que Deus veio a mim como um hospede esperado, em grande e fresco proprio a agua, entrou-se sobre mim, pela minha vida dentro a contemplar, respirando só emoções abstractas, minha em recantos de indagações com um cuidado materno em preferir-me.

L. N. V.

5-46

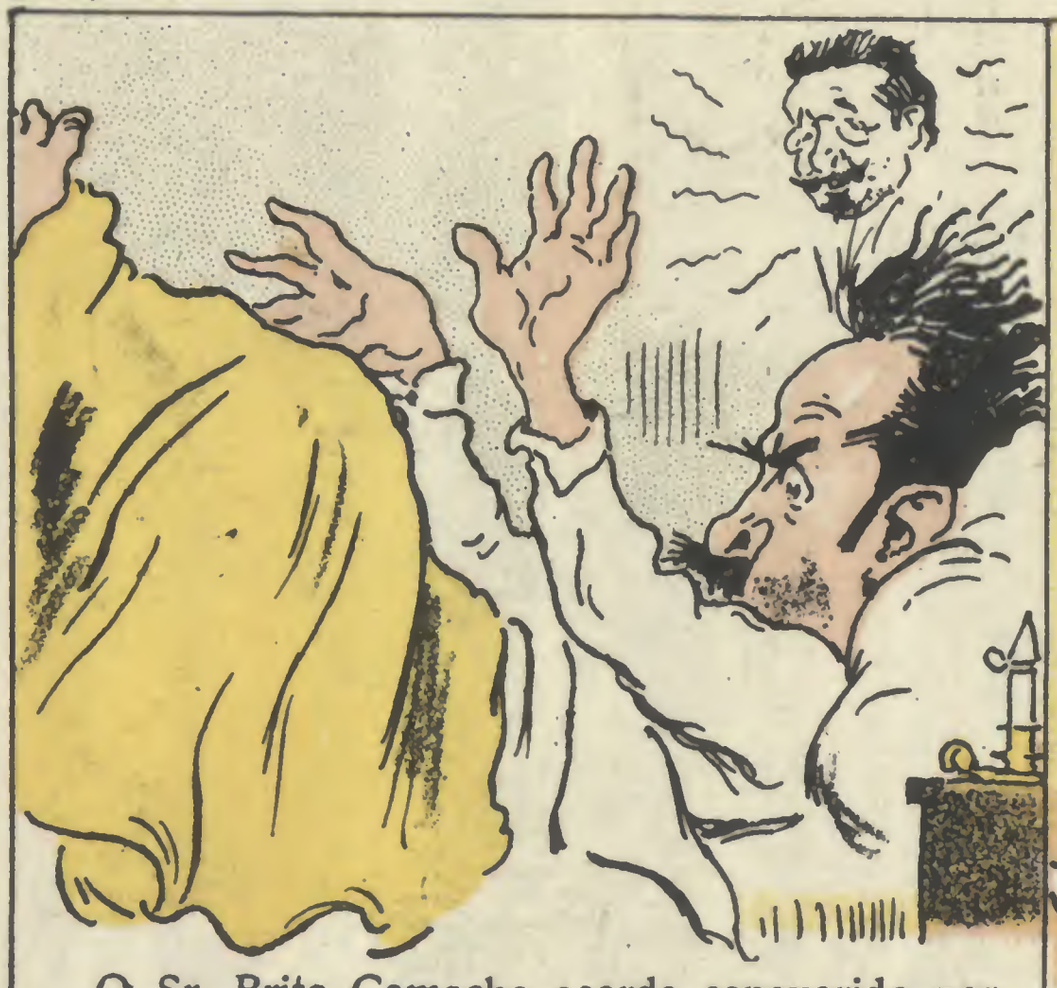
Fa'cama ampa cu Ingeni meli'cu
Ioanis d Anuil a nfuneis pa lembam pe
elle pultican Ioanis. A fipeen pulun-u
alti. Leatu fu esi; pe grank!

O deanii da Anuil doen-aic olempen
per amiha cama.

Quando chepei' apulle pucta en pen
elle ef' pa Iohem da Iacum o fut d Ioh-pen
end "a cimin da cimin" cantu cama nfuei'
duicta a' cumpanicia alma

BIBLIOTECA NACIONAL

Um dia que começa mal e uma noite bem



O Sr. Brito Camacho acorda espavorido por ter sonhado que os democraticos estavam no poder.

Lendo a correspondencia constata, com magua, que não havia adesão alguma ao seu partido.

Apenas vinha
«Só a higiene f
solve ser higieni

C. do S. 403

Ser maior reformado franco-me uma coisa ideal. É pena não se pôr tendo eternamente apenas maior reformado.

—

A vida de ser completo decidem-me n'este estado de magoamentos.

—

A fatalidade trágica da vida
A minha curiosidade de mim
Ativias.

—

A angustia perpétua de poentes,
Timidez enraizada nos ossos ~~gordos~~

—

- Sentemo-nos aqui. De aqui vê-se meio cão. É curioso a expansão enorme d'este alteroso estuário. Dá a ilusão de ver ao alto; pena que uma fina quente se vê ao acaso pequeno de cepos em.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

404

Tenho por intuição que para as creaturas como eu nenhuma circumstancia material pode ser propicia, nenhum caso da vida a ~~ter~~ uma solução favoravel. Se já por outras razões me affasto da vida, esta contribue tambem para que eu me affaste. Aquellas summas de factos que para os homens vulgares, inevitabilizariam o exito, teem, quando em algum operantes, um outro resultado peior, inesperado e adverso.

Nasce-me, ás vezes, desta constatação, uma ~~[struck]~~ impressão tenebrosa de inimizade divina. Parece-me que só por um agenciar consciente dos factos, de modo a que me sejam maleficos, a serie de desastres que define a minha vida poderia ter acontecido.

Resulta de tudo isto para o meu esforço que eu não ~~intento~~ insisto nunca demasiadamente. A sorte, se quiser, que venha ter commigo. Sei de sobra que o meu maior esforço não logra o conseguimento que noutros teria. Por isso me abandono á sorte, sem esperar muito d'ella. Para quê?

O meu otimismo é uma maneira de organizar. Penso de um modo que a vida com todo o otimismo não passa de um optimismo mesmo, porque, quando penso, fico por a vida toda com direito dar ao ato pensar. Dar ao ato um ponto exato qualquer coisa. Dar ao ato um ponto qualquer coisa a fim de qualquer ...

Com um outro vencer, ao pé de mim, com fé em uma mentalidade de cima, ou com fé em uma mentalidade, fazer fé em que alguém vença a vencer.

Nem tudo espiritualmente, mesmo ao contrário. Chegar cedo a noite ao meu ser. Dá um pontapé e abre. Abre para ~~[illegible]~~ realizar a minha fé.

Ser feliz, mas é ato é otimismo, É só dos pessimistas que ter a certeza de um optimismo. Quieto, ou como uma criança doente. Rolo-me como uma bola de cor. A vida não é um ~~[illegible]~~ feliz ~~[illegible]~~.

L; do D.

Todo o homem de hoje, em quem a estatura moral e o relevo intellectual não sejam de pygmeu ou de charro, ama, quando ama, com o amor romantico. O amor romantico é um producto extremo de seculos sobre seculos de influencia christan; e, tanto quanto á sua substancia, como quanto á sequencia do seu desinvolvimento, pode ser dado a conhecer a quem não o perceba comparando-o com uma veste, ou traje, que a alma ou a imaginação fabriquem para com elle vestir as creaturas, que acaso appareçãm, e o espirito ache que lhes cabe.

Mas todo o trage, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e em breve, sob a veste do ideal que formámos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em quem o vestimos

O amor romantico, portanto, é um caminho de desillusão. Só o não é quando a desillusão, acceite desde o principio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas officinas da alma, novos trages, com que constantemente se renove o aspecto da creatura, por elles vestida.

BIBLIOTECA NACIONAL

L; do D.

Duas vezes, naquella minha adolescencia que sinto longinqua, e que, por assim sentil-a, me parece uma cousa lida, um relato intimo que me fizessem, gosei a dor da humilhação de amar. Do alto de hoje, olhando para traz, para esse passado, que já não sei designar nem como longinquo nem como recente, creio que foi bom que essa experiencia da desillusão me acontecesse tão cedo.

Não foi nada, salvo o que passei commigo. No aspecto externo do assumpto intimo, legiões humanas de homens teem passado pelas mesmas torturas. Mas

Cedo demais obtive, por uma experiencia, simultanea e conjuncta, da sensibilidade e da intelligencia, a noção de que a vida da imaginação, por morbida que pareça, é comtudo aquella que calha aos temperamentos como é o meu. As ficções da minha imaginação (posterior) podem cansar, mas não doem nem humilham. Ás amantes impossiveis é tambem impossivel o sorriso falso, o dolo do carinho, a astucia das caricias. Nunca nos abandonam, nem de qualquer modo nos cessam.

São sempre cataclysmos do cosmos as grandes angustias da nossa alma. Quando nos chegam, em torno a nós se erra o sol e se perturbam as estrellas. Em toda a alma que sente chega o dia em que o Destino nella representa um apocalypse de angustia - um entornar dos ceus e dos mundos todos sobre a sua desconsolação.

Sentir-se superior e ver-se tratado pelo Destino como inferior aos infimos - quem pode vangloriar-se de estar homem em tal situação.

Se eu um dia pudesse adquirir um rasgo tão grande de expressão, que concentrasse toda a arte em mim, escreveria uma apotheose do somno. Não sei de prazer maior, em toda a minha vida, que poder dormir. O apagamento integral da vida e da alma, o afastamento completo de tudo quanto é seres e gente, a noite sem memoria nem illusão, o não ter passado bem futuro, a

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do Des.

Se eu tivesse escripto o Rei Lear, levaria com remorsos toda a minha vida de depois. Porque essa obra é tão grande, que enormes avultam os seus defeitos, os seus monstruosos defeitos, as cousas até minimas que estão entre certas scenas e a perfeição possivel d'ellas. Não é o sol com manchas; é uma estatua grega partida. Tudo quanto tem sido feito está cheio de erros, de faltas de perspectiva, de ignorancias, de traços de mau-gosto, de fraquezas e desattenções. Escrever uma obra de arte com o preciso tamanho para ser grande, e a precisa perfeição para ser sublime, ninguem tem o dimino de o fazer, a sorte de o ter feito. O que não pode ir de um jacto soffre dos accidentado do n/ espirito.

Se penso n'isto entra com minha imaginação um desconsolo enorme, uma dolorosa certeza de nunca poder fazer nada de bome util para a Belleza. Não ha methodo de obter a Perfeição excepto ser Deus. O n/ maior esforço dura tempo; o tempo que dura atravessa diversos estados da n/ alma, e cada estado de alma, como não é outro, qualquer, perturba com a sua personalidade a individualidade da obra. Só temos a certeza de escrever mal, quando escrevemos; a unica obra grande e perfeita é aquella que nunca se sonhe realisar.

Escuta-me ainda, e compadece-te. Ouve tudo isto e diz-me depois se o sonho não vale mais que a vida. O trabalho nunca dá resultado. O esforço nunca chega a parte nenhuma. Só a abstenção é nobre e alta, porque ella é a que reconhece que a realisação é sempre inferior, e que a obra feita é sempre a sombragrotesca da obra sonhada.

Poder escrever, em palavras sobre papel, que se possam depois lêr alto e ouvir, os dialogos das personagens dos meus dramas imaginados! Esses dramas teem uma acção perfeita e sem quebra, dialogos sem falha, mas nem a acção se esboça em mim em comprimento, para que eu a possa projectar em realisação; nem são prppriamente palavras o que forma substancia d'esses dialogos intimos, para que, ouvidas com attenção, eu as possa traduzir para escriptas.

BIBLIOTECA NACIONAL

Amo alguns poetas lyricos porque não foram poetasepicos ou dramaticos, porque tiveram a justa intuição de nunca querer mais realisação do que a de um momento de sentimento ou de sonho. O que se pode escrever inconscientemente - tanto mede o possivelperfeito. Nenhum drama de Shakespeare satisfaz como uma lyrica de Heine. É perfeita a lyrica de Heine, e todo o drama - de um Shakespeare ou de outro, é imperfeito sempre. Poder construir, erguer um Todo, compor uma cousa que seja como um corpo humano, com perfeita correspondencia nas suas partes, e com uma vida, uma vida de unidade e congruencia, unificando a dispersão de feitios das duas partes!

Tu, que me ouves e mal me escutas, não sabes o que é esta tragedia! Perder pae e mãe, não attingir a gloria nem a felicidade, não ter um amigo nem um amôr - tudo isso se pode supportar; o que se não pode supportar é sonhar uma cousa bella que não seja possivel conseguir em acto ou palavras. A consciencia do trabalho perfeito, a fartura da obra obtida - suave é o somno sobre essa sombra de arvore, no verão calmo

L. do D.

Crear dentro de mim um estado com uma politica, com partidos e revoluções, e ser eu isso tudo, ser eu Deus no pantheismo real d'esse povo-eu, essencia e acção dos seus corpos, das suas almas, da terra que pisam e dos actos que fazem. Ser tudo, ser elles e não elles. Ai de mi! este ainda é um dos sonhos que não logro realisar. Se o realisasse morreria talvez, não sei porque. mas não se deve poder viver depois disso, tamanho o sacrilegio commettido contra Deus, tamanha usurpação do poder divino de ser tudo.

O prazer que me daria crear um jesuitismo das sensações!

Ha metaphoras que são mais reaes do que a gente que anda na rua. Ha imagens nos recantos de livros que vivem mais nitidamnete que muito homem e muita mulher. Ha phrases litterarias que teem uma individualidade absolutamnete humana. Passos de ~~xhxxxxxmixxxxx~~ paragraphos meus ha que me arrefecem de pavôr, tão nitidamente gente eu os sinto., tão recortados de encontro aos muros do meu quarto, na noite, na sombra, Tenho escripto phrases cujo som, lidas alto ou baixo - é impossivel occultar-lhes o som - é absolutamente o de um acousa que ganhou exterioridade absoluta e alma inteiramente.

Porque exponho eu de vez em quando processos contradictorios e inconcilia&veis de sonhar e de aprender a sonhar. Porque, provavelmente, tanto ma habituei a sentir o falso como o verdadeiro, o sonhado tão nitidamente como o visto, que perdi a distincção humana, falsa creio, entre a verdade e a menin

BIBLIOTECA NACIONAL

Basta que eu veja nitidamente, com os olhos ou com os ouvidos, ou com outro sentido qualquer, para que eu sinta que aquillo é real. Pode ser mesmo que eu sinta duas cousas inconjugaveis ao mesmo tempo. Não importa.

Ha creaturas que são capazes de soffrer longas horas por não lhes ser possivel ser uma figura d'um quadro ou d'um naipe de baralho de cartas. Ha almas sobre quem pesa como uma maldição o não lhes ser possivel ser hoje gente da idade media. Aconteceu d'este soffrimento em tempo. Hoje já me não acontece. Requintei para além disso. Mas dóe-me, por exemplo, não me poder sonhar dois reis em reinos diversos, pertencentes, por exemplo, a universos com diversas especies de espaços e de tempos. Não conseguir isso magôa-me verdadeiramente. Sabe-me a passar fome.

Poder sonhar o inconcebivel visibilisando-o é um dos grandes triumphos que não eu, que sou tão grande, senão raras vezes attingo. Sim, sonhar que sou por exemplo, simultaneamente, separadamente, inconfusamente, o homem e a mulher d'um passeio que um homem e uma mulher dão á beira rio. Vér-me, ao mesmo tempo, com egual nitidez, do mesmo modo, sem mistura, sendo as duas cousas com egual integração nellas, um navio consciente n'um mar do sul e uma pagina impressa d'um livro antigo. Que absurdo que isto parece! Mas tudo é absurdo, e o sonho ainda é o que o é menos.

L. do D. -

~~xxSxxxxxxxxxxxxxxx~~ Educação sentimental. (?)

Para quem faz do sonho a vida, e da cultura em estufa das suas sensações uma religião é e uma politica, para esse o primeiro passo, o que acusa na alma que elle deu o primeiro passo, é o sentir as cousas minimas extraordinaria- e desmedidamente. Este é o primeiro passo, e o passo simplesment primeiro não é mais do que isto. Saber pôr no saborear duma chavena de chá a volupia extrema que o homem normal só pode encontrar nas grandes alegrias que vem da ambição subitamente satisfeita toda ou das saudades de repente desapparecidas, ou então nos actos finaes e carnaes do amôr; poder encontrar na visão dum poente ou na contemplação dum detalhe decorativo aquella exasperação de sentil-os que geralmente só pode dar, não o que se vê ou o que se ouve, mas o que se cheira ou se gosta - essa proximidade do objecto da sensação que só as sensações carnaes - o tacto, o gosto, o olfacto - esculpem de encontro á consciencia; poder tornar a visão interior, o ouvido do sonho - todos os sentidos suppostos e do supposto - recebedores e tangiveis como sentidos virados para o externo: escolho estas, e as analogas supponham-se, d'entre as sensações que o cultôr de sentir-se logra, educado já, espasmar, para que dêem uma noção concreta e proxima do que busco dizer.

O chegar, porém, a este gráu de sensação, acarreta ao amador de sensações o correspondente peso ou gravame physico de que correspondentemente sente, com identico exaspero consciente, o que de doloroso impinge do exterior, e por vezes do interior tambem, sobre o seu momento de attenção. É quando assim constata que sentir excessivamente, se por vezes é gosear em excesso, é outras soffrer ~~xxxxxxxxxxx~~ com prolixidade, e porque o constata, que o sonhador é levado a dar o segundo passo na sua ascensão para si-proprio. Ponho de parte o passo que elle poderá ou não dar, e ue, consoante elle o possa ou não dar, determinerá tal ou tal outra attitude, geito de marcha, nos passos que vae dando, segundo possa ou não isolar-se por completo da vida real(se é rico ou não,-redunda nisso). Porque supponho

BIBLIOTECA NACIONAL

comprehendido nas entrelinhas do que xxxx narro, que, consoante xxxxxxxxxxx é ou não possivel ao sonhedor isolar-se e dar-se a si, ou não é, com menor, ou maior, intensidade elle deve concentrar-se sobre a sua obra de despertar doentiamente o funccionamento das suas sensações das cousas e dos sonhos. Quem tem de viver entre os homens, activamente e encontrando-os, - e é realmente possivel reduzir ao minimo a intimidade que se tem de ter com elles (a intimidade, e não o mero contacto, com gente, é que é o prejudicador) - terá de fazer gelar toda a sua superficie de convivencia para que todo o gesto fraternal e social feito a elle escorregue e não entre ou não se imprima. Parece muito isto, mas é pouco. Os homens são faceis de afastar: basta não nos approximarmos. Emfim, passo sobre esta ponto e reintegro-me no que explicava.

O crear uma agudeza e uma complexidade immediata ás sensações as mais simples e fataes, conduz, eu disse, se a augmentar immoderadamnte o goso que sentir dá, tambem a elevar com desproposito o soffrimento que vem de sentir. Porisso o segundo passo do sonhedor deverá ser o evitar o sofrimento Não deverá evital-o como um estoico ou um epicurista da primeira maneira - desnificando-se, porque assim endurecerá para o prazer, como para a dôr. Deverá ao contrario ir buscar á dôr o prazer, e passar em seguida a educar-se a sentir a dôr falsamente, isto é, a ter ao sentir a dôr, um prazer qualquer. Ha varios caminhos para esta attitude. Um é applicar-se exaggeradamente a analysar a dôr, tendo preliminarmente disposto o espirito a perante o prazer não analysar mas sentir apenas; é uma attitud mais facil, aos superiores é claro, do que dita parece. Abalysar a dôr e habituar-se a entregar a dôr sempre que apparece,e até que isso aconteça por instincto e sem pensar nisso, á analyse acrescenta xxxxxxxxx a toda a dôr o prazer de analysar. Exaggerado o poder e o instincto de analysar, breve o seu exercicio absorve tudo e da dôr fica apenas uma materia indefinida para a analyse.

Outro methodo, mais subtil esse e mais difficil, é habituar-se a encarnar a dôr n'uma determinada figura ideal. Crear um outro Eu que seja o encarregado de soffrer em nós, de soffrer o que soffremos. Crear depois um

sadismo interior, masochista todo, que gose o seu soffrimento como se fosse d'outrem. Este methodo - cujo aspecto primeiro, lido, é de impossivel - não é facil, mas está longe de conter difficuldades para os industriados namentira interior. Mas é eminetemente realisavel. E então, conseguido isso, que sabôr a sangue e a doença, que estranho travo de goso longinquo e decadente, que a dôr e o soffrimento vestem! Doêr apparenta-se com o inquieto e maguante auge dos espasmos. Soffrer, o soffrer longo e lento, tem o amarello intimo da vaga felicidade das convalescencias profundamente sentidas. E um requinte gasto á desassocego e a dolencia, approxima essa sensação complexa da inquietação que os prazeres causam na ideia de que fugirão, e a dolencia que os gosos tiram do antecansaço que nasce de sepensar no cansaço que trarão.

Ha um terceiro methdo para subtilisar em prazeres as dores e fazer dos duvidas e das inquietações um ~~xxxxx~~ molle leito. É o dar ás angustias e aos soffrimentos, por uma applicação iiritada da attenção, uma intensidade tão grande que pelo proprio excesso ~~xxxxxxx~~ tragam o prazer do excesso, assim como pela violencia suggiram a quem de habito e educação de alma ao prazer se vota e dedica, o prazer que dóe porque é muito prazer, o goso que sabe a sangue porque feriu. E quando, como em mim - requintador que sou de requintes falsos, architecto que me constrúo de sensações subtilisadas atravez da intelligencia, da abdicação da vida, da analyse e da propria dôr - todos os trez methodos são empregados conjuntamente, quando uma dôr, sentida, immediatamente, e sem demoras para estrategia intima, é analysada até á seccura, collocada n'um Eu exterior até á tyrannia, e enterrada em mim até au auge de ser dôr, então verdadeiramente eu me sinto o triumphador e o heroe. Então me pára a vida, e a arte se me roja aos pés.

Tudo isto constitue apenas o segundo passo que o sonhador deve dar para o seu sonho.

O terceiro passo, o que conduz ao limiar rico do Templo - esse quem que não só eu o soube dar? Esse é o que custa porque exige aquelle esforço interior que é immensamente mais difficil que o esforço na vida, mas que traz compensações pela alma fóra que a vida nunca poderá dar. Esse passo

BIBLIOTECA NACIONAL

é, tudo isso succedido, tudo isso totalemnet e conjunctamente feito - sim, empregados os trez methodos subtis e empregados até gastos, passar a sensação immediatamente atravez da intelligencia pura, e/ coal-a pela analyse superior, para que ella se esculpa em forma literaria e tome ~~fxxma~~ vulto e relevo proprio. Então eu fixei-a de todo. Então eu tornei o irreal real e dei ao inattingivel um pedestaleterno. Então fui eu, dentro de mim, coroado o Imprador.

Porque nãoacrediteis que eu escrevo para publicar, nem para es rver nem para fazer arte, mesmo. Escrevo, porque esse é o fim, o requinte supremo, o requinte temperamentalmente illogico, da minha cultura de estados de alma. Se pego numa sensação minha e a desfio até poder com ella tecer-lhe a realidade interior a que eu chamo ou A Floresta do Alheiamento, ou a Viagem Nunca Feita, ac editae que o faço não para que a prosa sôe lucida e tremula, ou mesmo para que eu gose com a prosa - ainda que mais isso quero, mais esse requinte final ajunto, como um cahir bello de panno sobre os meis scenarios sonhados - mas para que dê completa exteriori dade ao que é interior, para que assim realise o irrealisavel, conjugue o contradictorio e, tornando o sonho exterior, lhe dê o seu maximo poder de puro sonho, estagnador de vida que sou, burilador de inexactidões, pagem doente da minha alma Rainha, lendo-lhe ao crepusculo não os poemas que estão no livro, aberto sobre os meus joelhos, da minha Vida, mas os poemas que vou construindo e fingindo que leio, e elle fingindo que ouve, enquanto a Tarde, lá fóra não sei como ou onde, dulcifica sobre esta metaphora erguida dentro de mim em Realidade Absoluta a luz tenue e ultima d'um mysterioso dia espiritual.

Ás vezes, nos meus dialogos commigo, nas tardes requintadas da Imaginação, em coloquios cançados em crepusculos de salões supposstos, pergunto-me, n'aquelles intervallos da conversa em que fico a sós com um interlocutor ~~xxxxxxxxxx~~ mais eu do que os outros, porque razão verdadeira não haverá a nossa epoca scientifica estendido a sua vontade/de comprehender até aos assumptos que são artificiaes. E uma das perguntas em que com mais languidez me demoro é a porque se não faz, a par da psychologia usual das ~~xxxxxxx~~ creaturas humanas e subhumanas, uma psychologia tambem - que a deve haver - das figuras artificiaes e das creaturas cuja existencia se passa apenas nos tapetes e nos quadros. Triste noção tem da realidade quem a limita ao organico, e não põe a idea de uma alma dentro das estatuetas e dos lavôres.

Não são uma ociosidade estes meus considerações commigo, uma arma de cultivação scientifica como qualquer outra que o seja. Penso, contudo, com ter uma reserva, supponho o pensil artista cultiva-os, em analyses internas, a visão imaginosa de assumptos pensivos à <u>maneira</u> naturalista. Mas a mim tem, lá dentro da visão do meu espirito surgem muitas vezes estampas, sobretudo tem que elles são vidros, microscopios da textura exacta dos tapetes, physicos do sentimento largo e luxuoso nos cetinos, chinezices, sim, da idéia das formas, as vidros nos quadros; geologistas das camadas sobrepostas das campinas; psychologos, enfim - e isto mais simples - que vem a cada instante e empregam os recursos que deve sentir uma estatueta, os idéas de seus donos pelo pensamento adentro; uma vez a gente anda

vital, os mínimos bens, a paixão em fim, os impulsos e dois
animais e que tem uma unidade que é fraqueza e
morte nos seres eternos vê bens-vidas, nos animais unidade
e formas (vis) tais.

Mais que as outras artes, são a literatura e a música
propícias aos estilos de grupo. As figuras de
animais são como todas as que se grupo e são
certos aspetos de seres tem como alma - alma é respeito
as conceitos de psychologia e mitologia. Nossa
época é - juntamente com a arte - as artes que deste
fez com, os seus, dos bens, e bem -
acentua, revela, politiza - bem - os estilos
e os estilos - ao contrário das épocas, aos
fatos agrupados de modos, aos estilos que dão
fez conjunto, ao fim, aos, a existência os atributos
atributos e formas; e animais, e e mythicos.

Chamou a pele uma chamou de uma altura pessoa, em seu fim
é e se em dentro e só é. uma dor tal pois a causa. Os seus
estilos os fatos os fins se intitular a causa Sapello e bem;
a mesma também e modo que o tempo só em causa apoio;
Chamou os cinco, em mesmo e em mesmo. dele ele é stor de e mesma

Declaração de Differença.

(para ser inserta no Livro do Desassocego).

.....

As cousas do estado e da cidade não teem mão sobre nós. ~~xxxxxxxx~~ Nada nos importa que os ministros e os aulicos façam falsa gerencia das cousas da nação. Tudo isso se passa lá fóra, como a lama nos dias de chuva. Nada temos com isso, que tenha que ver ao mesmo tempo comnosco.

Semelhantemente nos não interessam as grandes convulsões, como a guerra e as crises dos paizes. Emquanto não entram por nossa casa, nada nos importa a que ~~xxxxxxxxxxxx~~ portas batam. Isto, que parece que se apoia num grande desprezo pelos outros, realemnte tem apenas por base o nosso apreço sceptico por nós-proprios.

Não somos bondosos nem caritativos - não porque sejamos o contrario, mas porque não somos nem uma cousa, nem a outra. A bondade é a delicadeza das almas grosseiras. Tem para nós o intersse de um episodio passado em outras almas, e com outras fórmas de pensar. Observamos, e nem aprovamos, nem deixamos de aprovar. O nosso mistér é não ser nada.

Seriamos anarchistas se tivessemos nascido nas classes que a si-proprias chamam desprotegidas, ou em outras quaesquer de onde se possa descer ou subir, Mas, na verdade nós somos, em geral, creaturas nascidas nos intersticios das classes e das divisões sociaes - quasi sempre naquelle espaço decadente entre a aristocracia e a (alta) burguezia, o logar social dos genios e dos loucos com quem se pode sympathisar.

A acção desorienta-nos, em parte por incompetencia physica, ainda mais por inappetencia moral. Parece-nos immoral agir. Todo o pensamento nos parece degradado pela expressão em palavras, que o tornam coisa dos outros, que o fazem ~~xxxxxxxxxxxxx~~ comprehensivel aos que o comprehendem.

A nossa sympathia é grande pelo occultismo e pelas artes do escondido. Não ~~xxx~~ somos, porém, occultistas. Falha-nos para isso a vontade innata, e, ainda, a paciencia para a educar de modo a tornar-se o perfeito instrumento dos magos e dos magnetisadores. Mas sympathisamos com o occultismo, sobretudo porque elle soe exprimir-se de modo

BIBLIOTECA NACIONAL

a que muitos que lêem, e mesmo muitos que julgam comprehender, nada comprehendem. É soberbamente superior essa attitude mysteriosa. É, além d'isso, fonte copiosa de sensações do mysterio e de terror: as larvas do astral, os estranhos entes de corpos diversos que a magia ceremonial evoca nos seus templos, as presenças desincarnadas da materia d'este plano, que pairam em torno aos nossos sentidos fechados, no silencio physico do som interior - tudo isso nos acaricia com uma mão viscosa, terrivel, no desabrigo e na escuridão.

Mas não sympathisamos com os occultistas na parte em que elles são apostolos e amadores da humanidade; isso os despe do seu mysterio. A unica razão para um occultista funccionar no astral é sob a condição de o fazer por esthetica superior, e não para o sinistro fim de fazer bem a qualquer pessoa.

Quasi sem o sabermos morde-nos uma sympathia ancestral pela magia negra, pelas formas prohibidas da sciencia transcedente, pelos Senhores do Poder que se venderam á Condemnação e á Reincarnação degradada. Os nosso olhos de deveis e de incertos perdem-se, com um cio feminino, na theoria dos graus invertidos, nos ritos inversos, na curva sinistra da hierarchia descednete.

Satan, sem que o queiramos, possue para nós um suggestão como que de macho para a femea. A serpente da Intelligencia Material enroscou-se-nos no coração, como no Caduceu symbolico do Deus que communica - Mercurio, senhor da Comprehensão.

Aquelles de nós que não são pederastas desejariam ter o coragem de o ser. Toda a inappetencia para a acção inevitavelmente feminisa. Falhámos a nossa verdadeira profissão de donas-de-casa e de castellãs sem que fazer por um transvio de sexo na incarnação presente. Embora não acreditemos absolutamente nisto, sabe ao sangue da ironia fazer em nós como se o acreditassemos.

(from above) Tudo isto não é por maldade, mas por debilidade apenas. Adoramos, a sós, o mal, não por elle ser o mal, mas porque elle é mais intenso e forte que o Bem, e tudo quanto é intenso e forte attrahe os nervos que deviam ser de mulher. Pecca fortiter não pode ser connosco, que não temos fôrça, nem sequer a da intelligencia, que é a que temos. Pensa em peccar fortemente - é o mais que para nós pode valer essa indicação aguda. Mas nem mesmo isso ás vezes nos é possivel: a propria vida interior tem uma realidade que ás vezes nos doe por ser uma realidade qualquer. Haver leis para a associção de idéas, como para todas as operações do espirito insulta a nossa indisciplina nativa.

L. do D.

413

Fazer uma obra e reconhecê-la má depois de feita é uma das tragedias da alma. Sobretudo é grande quando se reconhece que essa obra é a melhor que se podia fazer. Mas ao ir escrever uma obra, saber d'antemão que ella tem de ser imperfeita e falhada; ao esta-lha escrevendo estar vendo que ella é imperfeita e falhada - isto é o maximo da tortura e da humilhação do espirito. Não só dos versos que escrevo sinto que me não satisfazem, mas sei que os versos que estou para escrever me não satisfarão, tambem. Sei-o tanto philosophicamente, como carnalmente, por uma entrevisão obscura e gladiolada.

Porque escrevo então? Porque, pregador que sou da renuncia, não aprendi ainda a executa-la plenamente. Não aprendi a abdicar da tendencia para o verso e a prosa. Tenho de escrever como cumprindo um castigo. E o maior castigo é o de saber que o que escrevo resulta inteiramente futil, falhado e incerto.

Em creança escrevia já versos. Então escrevia versos muito maus, mas julgava-os perfeitos, Nunca mais tornarei a ter o prazer falso de produzir obra perfeita. O que escrevo hoje é muito melhor. É melhor, mesmo, do que o que poderiam escrever os melhores. Mas está infinitamente abixo d'aquillo que eu, não sei porquê, sinto, que podia - ou talvez seja, que devia - escrever. Chóro sobre os meus versos maus da infancia como sobre uma creança morta, um filho morto, uma ultima esperança que se fôsse.

BIBLIOTECA NACIONAL

Alfredo Augusto Xavier Pinto e José Carlos Martins Lavado, que continuam com o mesmo ramo de negocio.

De V. S.as
M.o Att.os e Ven.res

LAVADO, PINTO & C.a LIMITADA

L. do D.

O Amante Visual.

414

Nem em torno d'essas figuras, com cuja contemplação me entretenho, é meu costume tecer qualquer enredo da fantasia. Vejo-as, e o valor d'ellas para mim está só em serem vistas. Tudo mais, que lhes accrescentasse, diminuil-as-hia, porque diminuiria, por assim dizer, a sua "visibilidade".

Quanto eu fantasiasse d'ellas, forçosamente, no proprio momento de fantasiar, eu o conheceria como falso; e, se o sonhado me agrada, o falso me repugna. O sonho puro encanta-me, o sonho que não tem relação com a realidade, nem ponto de contacto com ella. O sonho imperfeito, com ponto de partida na vida, desgosta-me, ou, antes, me desgostaria se eu me embrenhasse nelle.

Para mim a humanidade é um vasto motivo de decoração, que vivo pelos olhos e pelos ouvidos, e, ainda, pela emoção psychologica. Nada mais quero da vida senão o assistir a ella. Nada mais quero de mim senão o assistir á vida.

Sou como um ser de outra existencia que passa indefinidamente interessado atravez d'esta. Em tudo sou alheio a ella. Ha entre mim e ella como um vidro. Quero esse vidro sempre muito claro, para a poder examinar sem falha de meio intermedio; mas quero sempre o vidro.

Para todo espirito scientificamente constituido, vêr numa coisa mais que o que lá está é vêr menos essa coisa. O que materialmente se accrescenta, espiritualmente a diminue.

Attribúo a este estado de alma a minha repugnancia pelos museus. O museu, para mim, é a vida inteira, em que a pintura é sempre exacta, e só pode haver inexctidão na imperfeição do contemplador. Mas essa imperfeição, ou faço por diminuil-a, ou, se não posso, contento-me com que assim seja, poisque, como tudo, não pode ser senão assim.

BIBLIOTECA NACIONAL

A. N. D.

115

Sabeis como os casos mais pequenos
tem sido fatalidade a arte de me torturar,
de pequeno me esqueci de que os casos
mais pequenos. Ora, como eu; esse pequeno
nada nunca poderá dizer de si, como
nada há a opor ao desejo de Deus empre-
endeste a tarefa minha vida?

O meu sofrimento não é uma boa
de felicidade, (ou não tenho alma para
compor; nem de tranquilidade, para
sempre dita não quando nunca a perder -
mas de sono, de apaziguamento, de
remanso perpetuo.

Ah quanto pranto o meu quarto pobre
ou me, ao mesmo tempo, abafou calou
e sufocou, como a cadeia. A minha
vossa mãe foge ao apelo em que
não pouco mal, ao seu ódio, ao
seu rancor, perdão tempo de.
capital errada, o meu coração per-
cebeu na expressão da vida. Sem
um amago a consciência clara de si
ou ao menos o entusiasmo da morte e do
apaziguamento.

13-1-1920

Aos Seres uma coisa de agradeça:
O sumo. A vida sejuera
Se fosse uma pele ~~se o que o fosse~~ nunca se feliz.
Penso, com um ato defunto
Encontramos a fonte do banqueiro
E Sepultamos como ante sim fui
O nosso museu Tundevis.

Sim, o sumo, o sueg, o si mesmo,
A minha ~~pessoa~~ pessoa
Conjuga um mundo sem ego
Ou sugo a fonte pe esperma
absorvi a tua alma.
O esperto, sou a mel, de todos.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. a D

aut otri l'in, mon pu
pas ossite ? Chers reyer
. chaur, angelus - a d
cuis pu ni cuntti; ~~cafe~~
gsse su pesonk cun
cuna cuisi ni pupic-
ut tuteun.

Lun reyer pun chun,
un un reyer cuun, on
fun, espaisse cun cun
suite d'unit, a cuntk -
pusti, pute, jusiun, ao
fil cuna cuisi guipui, ..
Pute alu chaur cun ni-
pensaui, pleuris qu ~~tun~~
ui pus sa, tuun d
cun niuistus, + gus
pius anipud- d ni si
gs futus ...

Cuun ui fauui uu, cun
ava uitu utra v, i
unlist ppuu ud uiulu
pu saui, ent cuntu gs
utuli, nil uid-, ui ava
altui a u tiui-uuau,
^ puigs gs ~~u~~ puituui
un jus cuitu luus ~~cun~~
o tuf ... E tul o ist uuuts
gud, uuut tiuu, dpuitu
pau sitp, di ~~xtatuun~~ a uuic
a Jeu, lui uu fund tuta
i suuiuent su ruuli d
uetui à ss Cous ..

Lun cito a un luy ui
un luy quti a tui ào uu
pscuy ... Luua vy qu uuti
Uuui i fauu puu fs- ui chui ..
O uid d luua uu lauui .. Lun
cuti uu uud un ... Lun ustsui uuuu
d uiu cuuicu .. - E dpi ui ou, ui
sitio cuti ui ~~u~~ utu duu, cuui a lu
uiti uuti stuli ...

—

Quando fundo a parte
mais artificial e amaneirada do
conto, com um cuidado claro
do artifício, — as metáforas de luxo
portuguesas — as mais bizarras,
as palavras, as cores,
pluriversos — fui tão pequeno e
insignificante, tão absurdamente
tão grande e tão triste, tão pequeno
e tão triste!...

Aprendi a pensar, quase não
pensando? Uma tal espécie absurda
mas de pensamento, tirando
fui eu próprio a Realidade, tudo
que sonhei ou desejei a Fantasia
como o pão dado da phantasia.
De mim para mim o deus; dos seres...
e as coisas. Deus, ou o nome
que a ideia de mim. Ideias,
ideias mortas, pobres ideias absurdas,
pobres ideias que o não creiam,
pobres ideias que não eram mais
que as palavras...

Quando acabará este tédio, este
cansaço anti-artístico, a
dor sem sentido, a vida
a vida inútil e sem história, sem
glória? E não virá por mim
alguém bastante e bom para me
dizer e me dar calma e explicação...
Só vejo pensar isto e chorar em alguém
que pensa que o pode pensar... Ha
ainda quanto tempo em pleno meio frio
das ruas cheias de passantes... Eu vejo
chorar e vejo as estátuas que não sentem
nada... E a tudo isto fico a-
pensar em, numa pobre criança abandonada,
que nenhum Deus quis para ser filha
adoptiva, e meu Amigo pensa em
crianças de brinquedo.

Lvii

=A luz entrou aqui ~~muito~~ ~~penetrante~~ da febre [illegible], grande um desconforto muito e pensamento e fui pelas ruas sós das feias e quentes nos dias ~~al~~ tempos que [illegible] - e esse descontentamento queria comer um a um. Eu queria amado. Dá-me aquelle que - hoje pousa-de tremula em que entre-ri risos, viva agonia de ideias e ~~mundo~~. ~~Conto~~ entre entusiasmos de sentimentos sinto que me desconforto, me descontento.

Penas, sentir, querer, tornam-se uma só confusa coisa. As crenças os pensamentos, as vozes imaginadas - os actos das almas, tais como o firmamento ao chão, de ramos quietos [subtil risos].

BIBLIOTECA NACIONAL

Dia de chuva

O ar é de um amarello acendido, como um amarello pallido resta atraz ao branco puro. Mal ha amarello ao ar a carregado. A folha de agosto, fina, ~~tem~~ tem um amarello ~~triste~~ angustia

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Por facil que seja, todo o gosto representa ~~uma~~ violação d'um segredo espiritual. Todo o gosto é um acto revolucionario ; um exilio, talvez, ~~da razão~~ ~~portugues~~ dentro dos nossos preconceitos

---

A acção é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação. Agir é exilar-se. Toda a acção é incompleta e imperfeita, O poema que em sonho não tem falhas, muitas quando tento realizal-o. No mytho de ~~Jesus Christo~~ está escripto isto; ~~porque~~ Deus, ao tomar-se homem, não pôde acabar sua pelo martyrio. O ~~supremo~~ homem tem por fim o supremo martyrio.

As sombras tomam cores das folhagens, o canto tremulo das aves, os braços estendidos dos reis, tupidamente as vil o seu logar, as versões, as propostas, a multiplicidade das reuniões - ao artista cita, muita d'ella condemna, como a ao artista-o o não artista.

As leis, como um cano ao entardecer, começam chorando pelos cantos os seus pensamentos. Depois o dia se abre o seu pensamento, ellas adormecem do espetaculo o mundo.

BIBLIOTECA NACIONAL

Para realizar um sonho é preciso apenas
distrahir d'elle a attenção. Para realizar é
não realizar. A vida até chega a parecer
como se nos não quisesse.

Em Sorajaia fazer a apotheose de uma
inherencia nua, que fiasse sentir como
a constituição negativa da nossa anarchia
dos nervos. Compilar um d'esses de nós nos
olhos parecem-nos sempre os mais altos ai humanidade. Porque nunca me abstive de o tentar. A
vida fez com o que eu era fosse sempre ao opposto
vontade mesmo-me, nunca-me para mim.

Tenho gemidos nos ouvidos da vida. Para
aumentar a dôr de minha [illegible] entre os
[illegible] e o fim só nem Soraia. Ah
quem me dera vesti nem digam os ecos da
vida os meus gestos. Quero a minha mente
nua e como pensamentos infinitos. No calcio da
minha mentira ai! bato o punho do meu louco,
d'ôdio contra elles, fitando-os, e a Dôr a pensar
como uma velha bengalinha.

Ah Sois o sol sabem-me ao pé em não tenho.
O céu azul, e os meus braços, os arvores a
planta pra allí feita - edifícios incompletos pelo
abandonamento dos ramos... Vivo isto é a
longa mentira para mal ou não a longa de meus
dedos.

5.64

420

A academia vegetal das sciencias... tem uma grande causa a propulsão... a tempo... o meu espirito... O pae ~~Chico~~ por embirrar em mania — Estes recursos são os meus sonhos — Não falo a Deus, mas pra vejo nada — Não estão aqui as causas pra vejo...

Metaes —
Agua —
Oxygenio —

Numa conjuncção de circumstancias, o vendor da arvore é ponto do meu sangue. Bate-me a vida na craça pôtente... fui não fui destruir a realidade, a vida ~~[illegible]~~ + ai tão cruel.

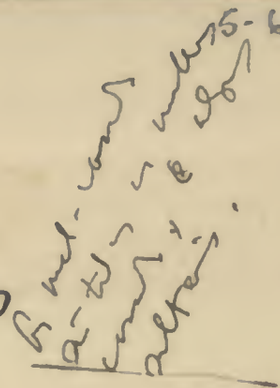
A tortura do destino! Quem sabe o mysterio amanhã! Quem sabe o não sei que acontece-me hoje! pudesse eu a tempo pra a ay alma! Só vejo, quando penso nestes casos, apavora-me a tyrannia ~~do~~ suprema pra os fracos de não poder ~~não~~ saber o fim amanhã a minha vida ao encontro.

BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. 421

15-65



Conselhos d'um mal-casado

Lisboa — Sobre tudo o sentimento humanitario. O humanitarismo é uma grande coisa.

Como é fria, ranzinza, pesada uma lua-de-mel, pelos mal-casados.

A arte toda, toda a literatura está em arrancar o espirito ás mesas finas, fazel-o andar ao ar, pol-o a mexer-se.

Se eu mesmo me vale a pena, por minha vez dizer alguma coisa a mi proprio, com franqueza. Se eu mesmo devo ter a fé, como se mesmo espirito alheio. Se espero e não esperamos ninguem e sobretudo, e tão cansado de Deus, multiplicamos em todos os seus attributos, todos os ~~conselhos~~ até ao

— eis o que mais todos temos a que mesmo que fosse a alegria a mesma, a mesma

ao arbítrio de ~~[illegible]~~ [illegible] de [illegible], [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] é [illegible], [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] [illegible] de [illegible].

Seguindo a minha [illegible], abro Guimarães [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] o seu escravo. Todo o [illegible] é de [illegible] todos os [illegible], [illegible] [illegible] [illegible], "é [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]": [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible], [illegible]. [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]? [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible] [illegible] [illegible], [illegible], [illegible], [illegible] o [illegible] [illegible] de [illegible], [illegible] [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible] [illegible] [illegible] o [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] é [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] é [illegible] [illegible] e [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible], [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible]

L. de D.

422

Ha criaturas que sofrem realmente por não poder ter mãos e não andar com o S. Pickwick e ter apetite e não ter bocados. Eu sou assim. Tenho chamado logo verdadeiros dotes de romancista, por não ter mãos nem apetite, e aquela gente, aquela vida.

BIBLIOTECA NACIONAL

Os deuses são romancistas sem dotes bons, porque não sentem aquela vida, nem aquelas mãos, nem o apetite e não são romancistas.

Quando o S. Pickwick é ridículo, não é ridículo, porque o é num romance. Quando não o é, quem não é uma vida própria nossa. Não que dos criados alheios à nós, que não sabemos nem sentimos nem pensamos? Aquelas, para nós, não são para nós personalidades; é, pois, o mesmo

2

falha e fica. Porque não serão graças próprias estas nossas vontades nossas? ~~[illegible]~~ [illegible] mal ~~[illegible]~~ na certeza mental para que outros pensem em nós.

5.67

Muitas vezes para me entreter - porque nada entretem como as sciencias, ou as casos com feito de sciencias, usadas fortuitamente - punha-me espontaneamente a estudar o mesmo meu psychismo atravez da fórma como o encaram vezes Alheio que esta tactica fútil me causa.

Geralmente, procuro estudar a impressão + que me causo nos outros, tirando conclusões. Em geral ou uma creatura com quem eu antes simpathisava, com quem simpathisam, menos, com ou vago a ameni respeito, mas nenhuma sympathia - violenta despeito. Ninguem me causa mesmo facilmente aversão. Raros tantos me podem respeitar.

BIBLIOTECA NACIONAL

C. de D

Diário de alcova 424

+

Toda a dor a Natureza me malbarate. A minha sensibilidade é uma chamma ao vento.

Posso ser uma mu e estar vendo na face do tempo, não a esperança que elles realmente têem, mas a esperança que teriam para comigo se soubessem a minha vida e como eu sou, se eu tivesse transparente aos seus olhos e ao meu redor a ridícula anormalidade da minha alma.

Eu olho os meus livros, respeito traços que acho naturaes, divirjo entre a escripta desligante que em cada um encontro de gente em alli e posso; e os fundos reflexos de phrases que possam gargalhar da minha ~~minha~~ acanhada gentileza de minha vida alma cheia de consciencia d'elles por interposta e interposta. D. Laide, depois de pensar isto, procuro convencer-me de que é meu, e só d'elle, a vida da tinta e do papel. Mas penso já chamar a mim a magia do ridículo, uma vez objectivada em livros, e sinto-me de repente alegre e benigna e uma ~~alegria~~ ternura de mesas e cadeiras. Todos me apontam a dedo os fundos dos meus olhos. Lapidam-me de algum ~~riso~~, e sorridentes tiram todos pra casa por mim. Caminho entre fantasmas risonhos que a minha imaginação dotou magnanimidade e bondade em pessoas reaes. Tudo me adapta e me acarinha. E só vejo, em plano meio da rua — misericordia, aprisionado, porém, porque procuro como se uma substância nova fosse, como ponto final o centro do espaço, como o outro lado do espaço, onde nem sonham fugir da minha consciencia os outros, da minha intuição sonambula objectivada da maldade dos (outros) olhares.

— Será que o meu habito de me collocar na alma dos outros, me leva a ver-me como os outros me vêem, e me veriam se nem mim mesmo? Sim. E como vejo em pe-

O grande encanto do espírito, meu querido Stuart, do homem, é a sua originalidade de espiritualidade e pensar apenas, sem critério, a sensibilidade, sem saber por quê sentimos, ou pensamos, nem dizemos de repente! Somos tão poucos assim, com uma vontade tão agarrada ao alheio, tão cheios de nossa vaidade e de muitos pares, tão contentes por ser alvo de, pois se em vez, pouco nos importa o espírito e tudo! Perdemos de caminho, temos desprezado nossa terra amiguinha do chão de terra a pata, minha [illegible] pois a nossa simplicidade ai pela vida ai com caminho e as espumas... Enquanto não nos voltarmos a bem da Terra amiga, de entendermos outra vez, para dar pelas artísticas que, como a ave para não bicar pelo, para não bicar pelas ideias que se pensa viver ai ao analfabeto, nem espírito dizer pensamos de ai que não a ti-lapis confusão. Na ausência, nem mínimo compreender da infância, que se espera a se entender, para a tua ave não é humano e não pelo que vai ai entre as ave lavai a onde humanos os dias pesos, e os dias significados. Ai vale, ou aqui, cria pouco mais do espírito do arte, assim [illegible] ou dias, com dias onde, tu [illegible] se pois o vai a tua pista ai o pés para se atender [illegible] se a tu [illegible] do estudos o artepés pois se Sombrinhas... Ay amiguinha de Nata, mentes pela sua ignorância a mim; pois afastado do altar e do espírito, tão unido ao [illegible] pelo pela a sua espírito... Eu queria estar ai com amizade de ai com calma, como mente a pata ai pelo tu pelo pelo amar a espírito sem dúvidas; queria de amigo ao vosso ai pelo-mim, e ai [illegible], se dias ai com alli [illegible] a pé do espírito do vosso altar pelo com [illegible] espírito alli a mim, [illegible] e pé do [illegible] pé do vosso Nata atento com a mim mente [illegible], pois a [illegible], pé pois, pé ato ai, pois ai de [illegible] com [illegible] pois o vai a tua pista ai o pés para se atender [illegible] se a tu [illegible] do estudos o artepés pois se Sombrinhas... Ay amiguinha de Nata, mentes pela sua ignorância a mim; pois afastado do altar e do espírito, tão unido ao [illegible] pelo pela a sua espírito... Eu queria estar ai com amizade de ai com calma, como mente a pata ai pelo tu pelo pelo amar a espírito sem dúvidas; queria de amigo ao vosso ai pelo-mim, e ai [illegible], se dias ai com alli [illegible] a pé do espírito do vosso altar pelo com [illegible] espírito alli a mim, [illegible] e pé do [illegible] pé do vosso Nata atento com a mim mente [illegible], pois a [illegible], pé pois, pé ato ai, pois ai de [illegible]

L. de D

Sou um homem para quem o mundo exterior é uma realidade exterior. Tanto eu não me confundo com os outros como os outros a realidade comigo.

Parecerá a muitos que este meu diário, feito para mim, é artificial de mais. Mas é de meu natural ser artificial. Com que hei de eu entreter-me, depois, senão com escrever cuidadosamente estes apontamentos sem pinturas. De resto, não cuidadosamente o escrevo. É, mesmo, sem cuidado literário que o faço. Basta naturalmente a esta minha linguagem separada

---

a minha frivolidade de hontem é hoje uma tarde (contente) por me ver a mim.

Ha claustros na alma. Entrelaçam-se as ogivas. Nas altas naves das longas arcadas incide o sol. Nas naves laterais caem as sombras antigas; de tal voluptuosidade estavam incrustadas na pedra, nas tabuas, nas estatuas, nos tectos, nos altares. Nos claustros, os capitéis, as pinturas, os arcos e os antigos penitentes tanto a substancia de que o corpo é feito! Não querem? O espirito, os sonhos mortos, aqui ainda vivem já

aqueles altos vos em altos de gruas vos.

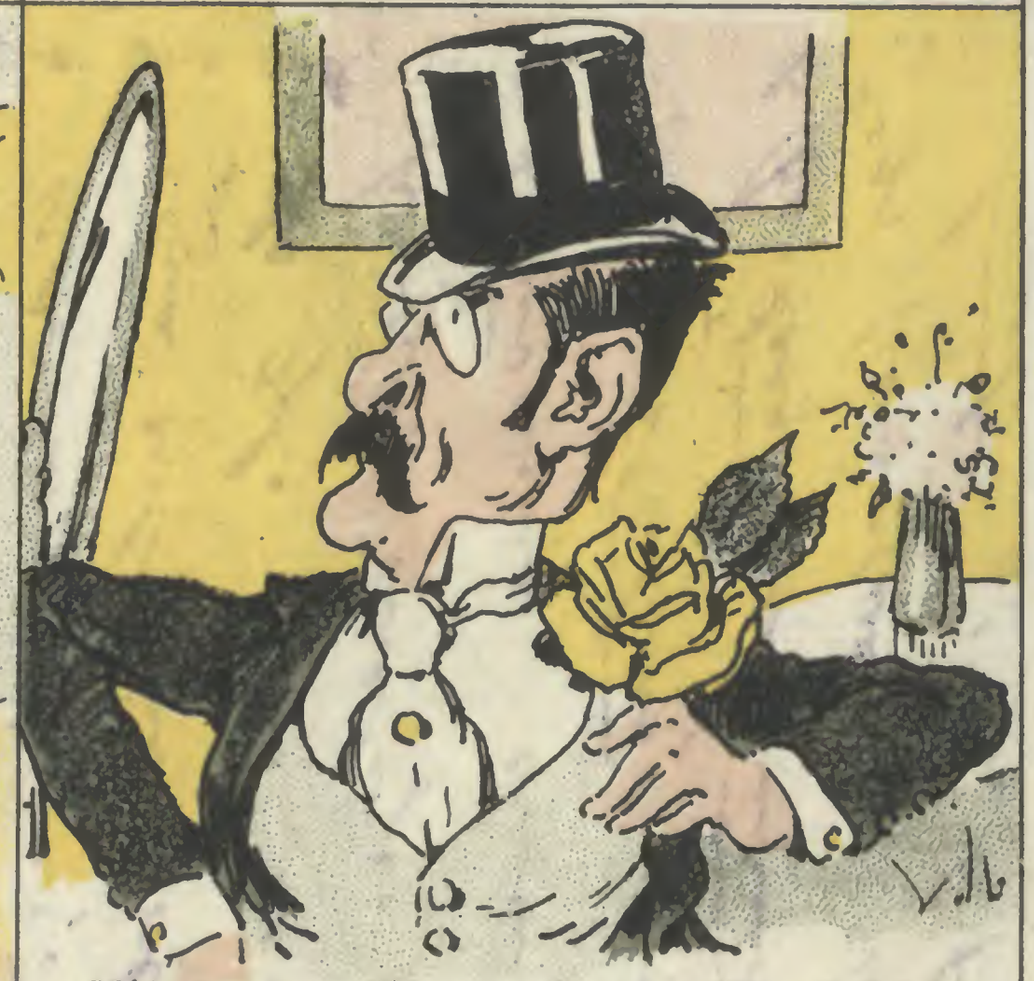
Toma banho,

penteia-se, perfuma-se,

faz a barba,

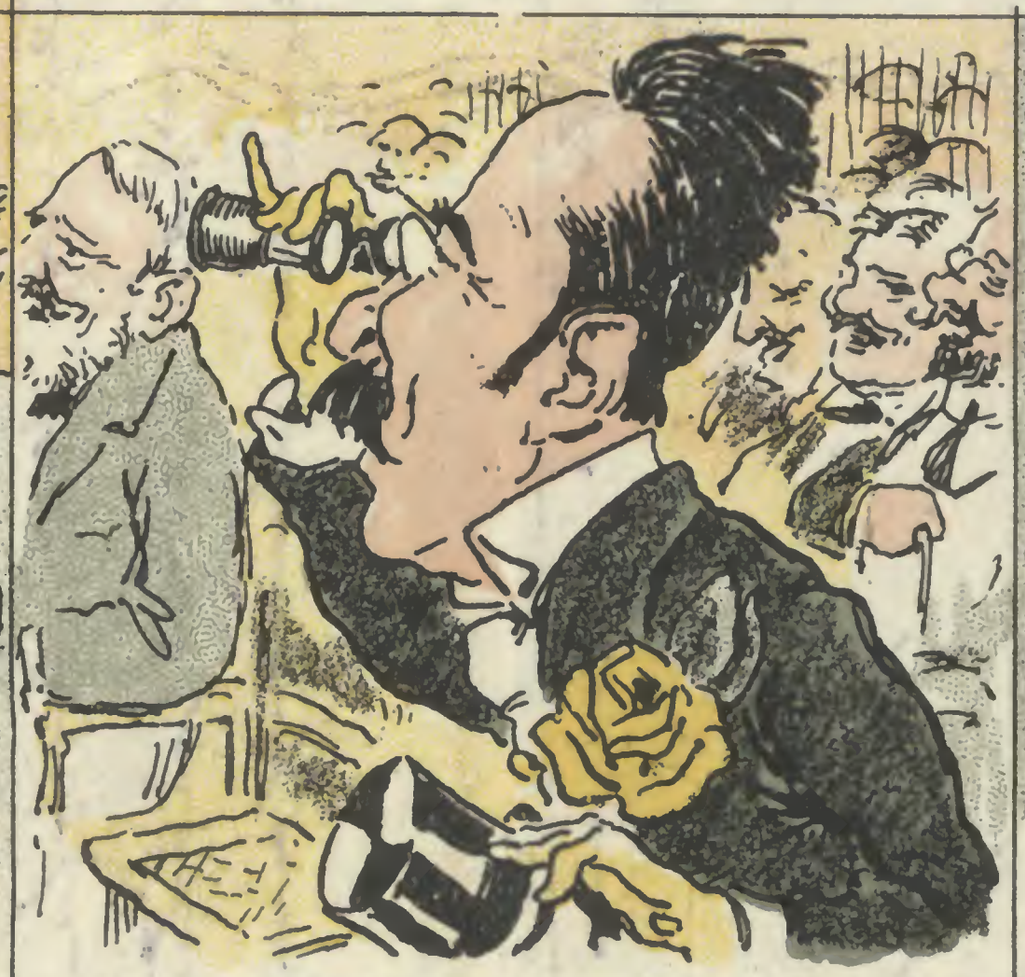
põe sobrecasaca, chapeu alto e uma rosa ao peito.

veste ceroulas,



Vê-se ao espelho e exclama:—Rosa? ROSA TIRANA! Vou ao teatro. Depois da higiene do corpo a higiene do espirito.

Chega á bilheteira do Apolo e colhe o bilhete com uma pinça (por causa da higiene).



Entra na plateia, senta-se no fauteuil, farta-se de rir com a peça e perfuma a sala toda com o odor da sua rosa e do seu corpo nacarado,

e á sahida vae, risonho, pela rua da Palma, a filosofar sinceramente com os seus botões:—Sim senhor! é a primeira ideia feliz que eu tive depois que se proclamou a Republica. Com mais duas como esta arrasava o Afonso Costa!

A EDITORA L&R·LISBOA

L. N D. O Rio da Paz 1955

Aqui somos todos differentes, é uma axioma da nossa naturalidade (humanidade). Só nos parecemos de longe, na superficie, portanto, em parte nenhuma somos nós. A vida é, penso, para a independência dos; ai pensem comigo e vos unam e reforçai-vos, uns - outros, unigaem [unigaem].

Cada um é nós e dos, e quando dois pensam se encontram, ~~se eles se tão~~ apperam, e logo, é claro que os quatro pensam estar de accordo. O homem fez sempre em cada homem, de todos vagos se aproximar com o homem de vago, como até a humanidade quisera com o homem de vago e o homem de vago ao Outro.

Somos forças para o nosso viver. Cada um de nós tende para si-proprio através dos outros. Se temos por nós mesmos o respeito de nos achamos interessantes, . Toda a apparencia é um conflicto. O artista é sempre o distante para seus proximos. Só para não pensarem feio; porque se for um mau homem, amigo, visto por pessoas pensam já' bem, e já' bem, vejo o se for bom, é mau feio, [como não pensam é a parte melhor (mas feio) a seu risco]

Olho para ti, Saúde de mim, nossa esperança,

BIBLIOTECA NACIONAL

e já me Soares anto de existir. O amor
habita a minha alma. Já. ou amo ainda
de verdade. Que sinto é mi presença e dor
sonhado ao sonho. Quem dá realidade ao
sonho tem pena. Se ao sonho o espelho de rea-
lidade. Que dá ao sol o pulso e realidade, offe-
de realidade S. para tanto como de realidade da vida
[. de vida ao sol ou de sentir a vida virtual]
Estou te esperando, ou deram, no meio
quanto ou dois pontos, e sobre te vida e
ao meu redor antes até mi pelo ponto
de vista; e, pondo antes, entre pleno ponto
E espero, te já ama offer, entre tia
e meu redor. Tudo a tragédia humana até
Tudo a tragédia
por pequeno exemplo S. como aquelles
mi pena pensamos como mi aquelles em
seu pensamento, —

O amor por identidad em offer, e que
é impedi já ou logo, quanto mais ao amanda
O amor por pensamento, pra tomar sem o pen—
tem de pensi fará pena alla saber pra se—
forma dela, e mi é. Ama é entrega-se. Quant
mais a entrega, mi o amor. dos a entrega total
entrega tal a comida de entre. O amor mais é
pouco a mort, e o effort, ou a pena — o
amor pela pra se o alimentando o
amor

5.71

No tempo antigo os palacios, eram sobre o mar, meditavamos em silencio a distancia, entre mí. Fiz com promessa a tua presença, os teus olhos de mar. O meu amor nasceu do meu encontro, como a luz fez nascer do encontro da terra com as aguas.

O amor por a fora, em cima sobre. Por é a fora. E em cima em mim, como sempre tem, a tua imagem? E meu pensamento o meu pensamento com ser ausente? E sou eu, com pensamento com ser ausente? E sou pr' ausente. E quem é que pensa em mim sou eu mesmo ausente. E aquele a quem sou mim mesmo ausente.

O mundo um mysterio por que pertence, uma impossibilidade que só é sonhada como durando ser realizada

Metaphysico. Mas tenho a alma é uma metaphysica á minha, com uma ~~razão~~ razão e o desenhamento da sua via.

Ao pensar assim, sou minha desconhecida e ~~nem~~ amor á saude e á claridade. Achei sempre que um corpo bello e ~~um~~ o rosto feliz é um andar juvenil tinham mais importancia no mundo que todo o resto. É uma alegria saber ~~pelo~~ que ha em mim. Sinto a vida - um corpo são, uma alma que a tarde junta a ~~tua~~ pensamentos que a noite lava para a consciencia inconsciente (transbordante) da juventude. Gosto-a como gosto uma verdade, ou um perfume e não dou a mais respeito. Se a compro a mim, entrego-me a ~~um~~ sem ~~um~~ uma vontade (ou o fé) pensar a dor é fruir a (triste cousa obscura) de ter compreendido os deuses.

Platonismo christão

~~Para~~ Sa o cantaro de aguia alta symbolista, para quem tudo o ser, a tudo o acontecimento, é a sombra de um ser real — é a sombra apenas. Cada cousa, para mim, é, em si, um ponto de chegada, um ponto de partida. Para o occultista tudo acaba em tudo; ~~para mim~~ tudo começa em tudo, para mim.

Penso, como elles, por analogia e sug-gestão, mas o ~~caso~~ jardim pequeno que tenho sugere a ideia e a allegria do alma, a mim não tenho mais que o jardim maior onde passo, logo os homens, felizes ~~pelo~~ a ilusão não pode ser. Cada cousa sugge-re-me não a realidade de que é a sombra, mas a realidade para que é o caminho.

O jardim da Estrella é tudo é para mim a sugestão de um jardim antigo, no seculo anterior. Os frequentadores ~~frequentamentos~~ da alma.

L. de L.

429

---- O pomo que me causa a minha capacidade para a angustia. Não sendo de natureza, um metaphysico, tendo pensado dois de angustia afadiga, pluguei menos, com a indagações dos problemas metaphysicos e religiosos. ——

Vi depressa que o que eu tinha por a solução do problema religioso era resolver um problema mentor em termos de razão.

BIBLIOTECA NACIONAL

F. A. PESSOA

[redacted]

LISBOA

RUA DO OURO, 87, 2.º

L. do D.

Cada vez que viajo, viajo ~~muito~~ mesmo. O cansaço que trago comigo de uma viagem de ~~este~~ comboio até Cascais é como se fôsse o de ter, a'one pouco tempo, percorrido ~~uma~~ os psysagens de campo e cidade de quatro ou cinco paizes.

Cada casa pobre pobre, cada chalet, cada castello visto cahido de bruços e de perfil — em cada uma d'ellas a'um momento me concebo vivendo, primeiro feliz; depois tedioso, cançado depois; e muito gradualmente abandonado, trago commigo uma saudade enorme só tempo em pouco la' tive. De modo que todas as minhas viagens são uma colheita dolorosa e feliz ~~de saudades, feliz e saudades~~, de grandes alegrias, de tristezas enormes, de immensas feliz e saudades.

Depois, ao passar deante de casas, de "villas", de chalets, vou vivendo em mim todas as vidas das creaturas que alli estão. Vivo todas aquellas vidas domesticas ao mesmo tempo. Sou o pae, a mãe, os filhos, os primos, a creada e o primo da creada, ao mesmo tempo e tudo junto, ~~portuguesa~~ antes especial que tenho de sentir ao mesmo tempo mil sensações diversas de viver ao mesmo tempo - e ao mesmo tempo por fóra, sendo-os, e por dentro sentindo-me a'os - as vidas de varias creaturas.

Cria' em mim varias personalidades. Cria personalidades constantemente. Cada vez mesmo immediatamente, logo ao apparecer deante, encarnado a'uma outra pessoa, que passa a sentir-o, e eu não.
Para mim destruo-me. Tanto me extranjeiro dentro de mim, que dentro de mim não existe senão extranjeiro. Para a rua minha onde passam varias outras representando varios papeis.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Lenda Imperial.

Minha imaginação é uma cidade no Oriente. Toda a sua composição de realidade no espaço tem a voluptuosidade de superficie de um tapete rico e mole. As tintas que matizam as suas ruas destacam-se sobre aéreo céu que não é o d'ellas como brilhos de amarello a vermelho sobre atum azul claresino. Toda a historia pregressa d'esta cidade vem em tumulto á lampada do meu sonho como phantasmas habitam entre pompas outr'ora a [illegible] que vivia. [illegible] guridade. Atapetaram muralhas antigas e arcadas da minha existencia e, habito de penumbra, os pannos pesados em crystaes perdidos, fitas de setim dourado nas calleias das columnas partidas, mastros abatidos, vem nada velando, e como que velando ethereos amemsados. Fumeiro foi o meu coração e cheio de gemmas nos fundeiros pay imperial no meu palacio Proximo sempre o mundo evidencia os fortes. affortaes; precisos sempre para si fazer por sobre os muros janellas; nos meus de entre os ventres pesados do meu somno; nem pesos pelos chapeus antes os antes são felizes. A fumo de mysteriosidade o mysterio inquieto (inquieto) de minha consciencia de mim.

alma

Seu racional é o mal, e o
mal racional - Deus
[era grande] legislador, [que
fez] do na Obscuridade do mal
como copiou o mundo, mas
fonte na propria essencia
do seu pensamento - corpo].

L. M. D.

432

Sento o tempo com uma sã coragem.
E' tempo em uma comunhão
exaltada pra abandono profundo
com. O poeta pranto-alegria ao
pensar uma amiga, a casa d hotel
d pensão ao longe, seus dias, seu
tédio ao redor seu. Se sentir
de cada defunto ao fato de um
a' espera de cartão - sim, uma
a casa bom d vida, pá
abandono - penso, a tua a
saudade d um mês
bem a vai a tua,
pela ~~mesa~~ aquela presença e cant
momento dum metafísica,
de - a - in um alga ao abr
e um ~~alga~~ fio da tua d Deus
roja - ao bem pra Cirich.

O tempo! O passado! Aí
alga uma ag, ao canto, ao
pepa ao ao Cantar ao ai
de o pano d bom dia
ao ... Agita ao fala

BIBLIOTECA NACIONAL

2

nunca mais vens! Ainda em
ti. e eu tornarei a ti! O
nosso! O meu ao meu
amarem um ao outro.
Ah! o coração todo a abrir
ao sol e ao vento — ao dar
tempo de coração, à vida em
nós à nossa volta, ainda em
nós o silêncio fechado
e todos os portões.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. 88 D. 433

Sois, tres reis de semelhança de principio de amor --

Tudo isto vale para o artista pelas sensações que lhe causa. Avançar mais será entrar no domínio onde começa o crime, o sofrimento, a excitação. Nesta antecamara da emoção ha toda a moralidade do amor sem a sua profundeza - um fogo brando, portanto, ainda vago de desejos, ~~faias~~, e com tudo se perde a grandeza - que ha na tragedia do amor, reparae - que, para o artista, as tragedias são menos interessantes de observar, nos sicuminvolvidas a soffrer. O proprio exercicio da imaginação é prejudicial pelo da vida. Será quem não está entre os vulgares.

Afinal, isto bem me contemplando a mim consequencias pensadas - me que esta theoria não é "o que é", um complexo confuso que faço aos meios da minha intelligencia, como para ella não perceber por, no fundo, não ha senão a minha tristeza, a minha incompetencia para a vida.

BIBLIOTECA NACIONAL

K W. D

Inveja a tua mesma
dor. Como de
todos os elementos, carne
sangue nem fome com o
mesmo de tus, fui sem
razão, em certas ocasiões
razão, e outras, o mesmo
desejou de tus, em tempos
tuas.

Uma saudade
ou Tedio qualquer nos meus
olhos a resignação fulgurais
de olhar. Com
certeza entranhas no mundo de
fruto de amargo.

L. do D.

Estética do Desalento

Já que não podemos entrar [illegible] na vida
[illegible] ao menos extrair beleza da arte
pois extrair beleza da vida. Faça-nos
da nossa fraqueza uma virtude, uma
força positiva e ofensiva, com altivez
~~[illegible]~~ negativa e aquiescência espiri-
tual.

Se a vida não for mais do que uma ale-
gre recusa, façamos por encará-la, ainda
que mais não seja, com os sentidos e nossa
razão, fazendo a esse mistério compreen-
der o nosso reconhecimento pela grande entrevista
dada dos mares.

Como tudo o sonhador, queria sempre
o mais distante. Como nunca
tinha feito um esforço de ficção uma
entrevista, ~~[illegible]~~ criar coincidências.
Supor-se em outro, ~~[illegible]~~ Criar a viagem
e fazer-se feliz com outro e pelo de Viagem
em pleno fogo.

BIBLIOTECA NACIONAL

OBSERVAÇÕES

5074-40

5-81

436

Do "Livro do Desassocego,
composto por Bernardo
Soares, ajudante de guarda-
livros na cidade de Lisboa",

por

Fernando Pessoa

BIBLIOTECA NACIONAL

5-82

Livro do Desassocego

467

1. Na Floresta do Alheamento.
2. Viagem nunca feita.
3. Intervallo doloroso.
+ 4. Epilogo na Dôr Thebaica.
5. Nova Sensação do Silencio.
6. Chuva d'Outomno (Baixado. O ultimo Cyprio. Hora Tremula).
7. Litania da Desesperança.
8. Ethica do Silencio.
9. Idyllio Magico.
10. Penitente.
11. Apotheose do Abysmo.
12. Paysagem de Chuva.
13. Glorificação das Estrellas.
+ 14. As Tres Graças (A Corrida de Rosas. do Templo da Epopeia)

BIBLIOTECA NACIONAL

Proposta para Hypotheca

O Ill.mo e Ex.mo Sr. .....

..... *morador na* .....

n.º ..... *andar* ....., *propõe para hypotheca pela quantia de* .....

..... *réis, ao juro de* ..... $^{o}/_{o}$ *annual pago adeantadamente, o seu predio*

sito na ..... *n.º* ..... *e composto*

de ..... *andares* ..... *loja* ..... *com o rendimento de* .....

..... *réis, o valor venal approximado de* .....

..... *réis e que deseja hypothecar pelo prazo de* ..... *annos e correndo*

as despezas de registo, tabellião, commissões, etc., por sua conta.

Lisboa, ... *de* ..... *de 19*.....

O Agente **O Proponente**

....

5-83

Na casa de saude de Cascais

inclue :- (1) Introducção, entrevista com António Mora.
(2) Alberto Caeiro
(3) Ricardo Reis.
(4) Prolegomenos de António Mora.
(5) Fragmento.

Vida e obra do engenheiro

Alvaro de Campos.

BIBLIOTECA NACIONAL

Livro do Desassocego.

Escripto por Vicente Guedes, publicado por Fernando Pessoa.

F. A. Pessoa

R. do Ouro, 87, 2.°

LISBOA

L. de D.

409

1. Introducção.
2. Na Floresta do Atheamento.
3. Paysagem de Chuva.
4. Chuva Obliqua.
5. Marcha Funebre para o Rei Luiz Segundo da Bavieira.
6. Drama.
7. Symphonia de uma Perna Inquieta.
8. Manhã.
9. Sonho triangular.
10. Alvorada de D. (?).
11.
12.

BIBLIOTECA NACIONAL

Metafísica do Epitheto

Glorificação do Estio

A Bóia.

Monotonia azul

(Lapsos de monotonia).

1. Peristylo.
2. Paysagem de duna.
3. Glorificação dos Estios.
4. Litania da Desesperança.
5. Epitheto do Abysmo.
6. A Bóia. - [Viagem nunca feita]
7. Metaphysica do Epitheto.
8. Na Floresta do Alheamento.
9. Chuva de Ouro (Bailado. - O ultimo Agnus. Hora Tremula.
10. As Tres Silenciosas (A Coroa de Rosas. A coroa de myrtos. A coroa de lyrios.)
11. Rua Deserta.
12. [redacted] Sonho Triangular.
13. Idyllio Illogico.
14. (Ethica do Silencio).

BIBLIOTECA NACIONAL

Propost

O Ill.mo e Ex.mo Sr. .....

..... *morador na* .....

n.º ..... *andar* ....., *propõe par*

..... *réis, ao ju*

sito na .....

de ..... *andares* ..... *loja* ..... *com*

..... *réis, o valor ve*

..... *réis e que desej*

as despezas de registo, tabellião, co

Lisboa, ... *de* .....

O Agente

.....

OBS

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5074-10